UNE ✦ SACRA

Esoterismo

O Composto de Alquimia

(as Doze Portas da pedra filosofal)

✦ ✦ ✦

George Ripley

Tradução (edição 1.1)

Créditos

Autor	George Ripley
Data	1471 (impresso em 1591; texto de 1652)
Idioma original	Inglês médio
Versão	Tradução (edição 1.1)
Tradução	Tradução popular, Tradução popular a partir do inglês de George Ripley (texto de 1652)
Fonte	Theatrum Chemicum Britannicum (E. Ashmole, 1652) — transcrição EEBO-TCP A75719 (CC0)
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

O Composto de Alquimia é o grande poema alquímico da Inglaterra medieval. Foi escrito em 1471 por George Ripley (c.

1415–1490), cônego agostiniano do priorado de Bridlington, no Yorkshire, que, segundo a tradição, estudou na Itália e voltou de lá com os segredos da arte.

Ripley o dedicou ao rei Eduardo IV, numa carta em versos em que promete revelar ao rei, só de boca, o modo de fazer os elixires branco e vermelho.

O poema circulou em manuscritos por mais de um século, foi impresso pela primeira vez em 1591, por Ralph Rabbards, e em 1652 Elias Ashmole o pôs à frente das obras de Ripley no Theatrum Chemicum Britannicum, a coletânea dos poetas alquimistas ingleses — é esse o texto que está aqui, na grafia antiga.

O livro é a descrição da Grande Obra, o caminho para a pedra filosofal, imaginada como um castelo com doze portas que o discípulo precisa abrir uma a uma: a calcinação, a solução, a separação, a conjunção, a putrefação, a congelação, a cibação (a "alimentação" da

matéria), a sublimação, a fermentação, a exaltação, a multiplicação e a projeção, quando a pedra pronta transforma os metais.

Antes das portas vêm o prólogo, que pede ao "filho desta disciplina" uma vida limpa e humilde, e o prefácio, que fala da pedra como uma coisa só, feita de corpo, alma e espírito.

Depois delas vêm uma recapitulação e uma advertência em que Ripley conta, com humor, as receitas erradas que tentou e o dinheiro que perdeu.

O poema é escrito em estrofes de sete versos rimados (a "rima real" de Chaucer) e usa a linguagem das figuras: o Sol e a Lua, marido e mulher, que se unem, o sapo, o dragão, o corvo negro da putrefação, as cores que aparecem no vaso.

Foi um dos textos mais lidos pelos alquimistas ingleses dos séculos XVI e XVII: George Starkey, sob o nome de Eirenaeus Philalethes, escreveu comentários inteiros sobre ele, e Isaac Newton estudou essas obras nos seus papéis de alquimia.

Fonte: https://github.com/textcreationpartnership/A75719

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Manuscritos e imagens

Fac-símiles e mais imagens:

- Theatrum Chemicum Britannicum (1652), fac-símile no Internet Archive
  https://archive.org/details/theatrumchemicum00ashm

Sumário

Título da obra

George Ripley ao rei Eduardo IV

Prólogo

Prefácio

A Primeira Porta: Da Calcinação

A Segunda Porta: Da Solução

A Terceira Porta: Da Separação

A Quarta Porta: Da Conjunção

A Quinta Porta: Da Putrefação

A Sexta Porta: Da Congelação

A Sétima Porta: Da Cibação

A Oitava Porta: Da Sublimação

A Nona Porta: Da Fermentação

A Décima Porta: Da Exaltação

A Décima Primeira Porta: Da Multiplicação

A Décima Segunda Porta: Da Projeção

A Recapitulação

Advertência, em que o autor conta os seus experimentos errados

Fim do tratado (ano de 1471)

TÍTULO DA OBRA

✦

1-8 Aqui começa O Composto da Alquimia,
Feito por um cônego de Bridlington,
Após seus estudos na Itália,
Em Yxning, onde por algum tempo morou:
Nele são revelados abertamente
Os segredos tanto do Sol como da Lua,
E como, para multiplicarem sua espécie,
Devem habitar juntos em um só corpo.

9-16 Esse cônego se chamava Sir George Ripley,
Dispensado da observância do claustro,
Por ele orem dia e noite,
Pois trabalhou para promover seu progresso.
Ele transformou as trevas em luz,
Com a intenção de ajudá-los a alcançar boa fortuna,
Dando o conselho de que vivam corretamente,
Sem causar desagrado a Deus.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

GEORGE RIPLEY AO REI EDUARDO IV

✦

1-8 Ó honrado senhor e cavaleiro tão vitorioso,
Abundantemente dotado de graça e fortuna,
A proteção da Inglaterra e defensor do direito;
Que Deus vos ama, ele bem o demonstrou:
Por isso confio que esta terra será renovada
Com alegria e riquezas, com caridade e paz,
De modo que, sepultados os velhos rancores,
Cessem as perturbações tempestuosas e a miséria.

9-16 E agora, já que vejo por sinais muito evidentes
Que Deus vos guia e que sois virtuoso,
Odiando o pecado e os que são insolentes,
E que também o homicídio vos é odioso,
E que dos necessitados também tendes compaixão,
Grande lástima seria se não vivêsseis por muito tempo:
Pois vossa grande fortuna não vos torna presunçoso,
Nem tendes ânimo vingativo para revidar toda injustiça.

17-24 Essas coisas, com outras, consideradas em vossa nobilíssima condição,
Assim como Deus sabe e o povo dá testemunho,
Comovem-me tão profundamente que devo, de todo modo,
Registrá-las, sem nisso ser adulador:
E não apenas isso, mas também escrever aqui,

E humildemente apresentar a Vossa Alteza
Grandes segredos que aprendi em terras distantes,
E que, pela graça, foram confiados a mim, tão indigno.

25-32 Certa vez prometi tais coisas a Vossa Senhoria,
Quando ordenastes que me chamassem;
E depois disso escrevi em grande segredo
A Vossa Graça, da Universidade
De Lovaina, quando Deus me concedeu, por sua graça, conhecer
Segredos maiores e de muito mais proveito,
Que desejo sejam revelados apenas a vós:
Isto é, os grandes elixires, tanto o vermelho como o branco.

33-40 Pois dignai-vos confiar que verdadeiramente encontrei
O caminho perfeito da mais secreta alquimia,
Que jamais, em verdade, por marco nem por libra,
Divulgarei senão a vós, e sob a condição
De que o guardareis convosco em absoluto segredo,
E o usareis somente conforme o agrado de Deus,
Senão, no tempo que há de vir, eu teria de responder a Deus
Por ter revelado seu tesouro secreto.

41-48 Portanto, ponderai bem, com cuidadosa reflexão,
Pois deste segredo nenhuma outra criatura saberá
Além de vós, como fielmente declaro,
Durante todo o tempo que eu viver aqui:
Quanto a isso, desejo que Vossa Senhoria me dê garantia,

Concordando sob juramento com meu desejo neste assunto,
Para que eu não atraia sobre mim a ira de Deus
Por revelar sua grande dádiva e seu mistério.

49-56 E, além disso, desejo que Vossa Alteza me perdoe,
Pois nunca o escreverei abertamente com a pena,
Mas, quando quiserdes, o vereis pela prática;
Também de viva voz, este precioso segredo tão deleitoso,
Como podem ser feitos os elixires vermelho e branco,
Será claramente declarado a Vossa Alteza,
E, se vos aprouver ajudar com pequena despesa e algum tempo,
Eu os farei com o auxílio da Trindade.

57-64 Contudo, pelo perigo que poderia advir,
Embora eu não ouse aqui desatar claramente o nó,
Ainda assim, em meus escritos não serei tão misterioso
Que não possais, pelo estudo, encontrar o conhecimento:
Como cada coisa pode multiplicar-se em sua própria espécie,
E como as formas dos corpos metálicos podem ser transmutadas,
Eu declararei, para que, se me compreenderdes em vosso espírito,
Comproveis que meu escrito é verdadeiro, e não fábula inventada.

65-72 E, se Deus vos conceder ganhar por meu intermédio este tesouro,
Servi-o devotamente, com mais louvor e gratidão,
Pedindo à sua divindade que possais assim perseverar na vida,
Usando suas dádivas de graça e fortuna conforme seu agrado,
Buscando, principalmente e acima de todas as coisas,

Segundo vosso poder e saber, seus dez preceitos
Guardar de tal modo que não vos coloqueis em perigo,
Mas que possais vê-lo na glória no além. Amém.

73-80 Como escreve o Filósofo no livro dos Meteoros,
As formas dos corpos metálicos não podem ser transmutadas,
Mas depois acrescentou estas palavras mais agradáveis:
A menos que sejam reduzidos à sua origem material.
Portanto, tais corpos que por natureza podem ser liquefeitos,
Minerais e metálicos, podem ser mercurizados,
E podeis compreender que esta ciência não é mera opinião,
Mas completamente verdadeira, como determinaram Raimundo e outros.

81-88 No referido livro, o Filósofo também fala,
Se aprouver a Vossa Alteza lê-lo,
De diversos enxofres, mas especialmente de dois;
E de dois mercúrios de fato unidos a eles:
Assim ele conduz os que compreendem verdadeiramente
Ao conhecimento dos princípios que são verdadeiros;
Tanto o vermelho puríssimo como o branco, conforme consegui obter,
Os quais, contudo, são encontrados por muito poucos.

89-96 E essas duas coisas são as melhores, logo acrescenta,
Para serem tomadas pelos que trabalham na alquimia,
A fim de fazer apenas com elas nosso ouro e nossa prata;
Portanto digo: quem quiser fazer nossa pérola e nosso rubi,
Cuide de não abandonar os referidos princípios:

Pois, se no começo seus princípios forem verdadeiros,
E se ele souber, pela arte, assim cozê-los,
Em verdade, ao fim, sua obra não lhe trará arrependimento.

97-104 Mas há um grande segredo que é muito necessário conhecer:
Embora os filósofos falem no plural,
Tudo é uma só coisa, podeis acreditar em mim,
Em sua natureza, que é nossa base principal,
Da qual brotam naturalmente tanto o branco como o vermelho;
E, no entanto, o branco deve vir primeiro do vermelho:
Isso não é realizado manualmente,
Mas naturalmente, com a arte ajudando a extraí-lo de nosso chumbo.

105-112 Pois todas as partes de nossa preciosíssima pedra,
Como posso provar, têm a mesma essência e estão unidas;
Além disso, há apenas um princípio verdadeiro;
Muito tempo se passou antes que eu pudesse encontrá-lo:
Quem pode reduzi-lo e conhece seu calor,
E pode ajustar somente natureza com natureza,
Até que a impureza original seja limpa de sua morada,
Provavelmente encontrará nossos segredos, tanto os maiores como os menores,

113-120 Trabalhai, portanto, apenas a natureza com sua própria natureza,
E uni todos os vossos elementos para que não entrem em conflito,
Lembrai-vos também deste ponto, acima de tudo:
Que deveis transformar as naturezas passivas em ativas,
Da terra fazei prontamente água, fogo e vento;

E do quadrângulo fazei uma figura redonda,
Então tereis o mel de nossa colmeia;
Uma onça que bem vale mil libras.

121-128 O principal segredo entre todos os segredos
É a verdadeira proporção, que não pode ser deixada de lado,
Na qual vos aconselho a não ser superficial,
Se algum dia pretendeis encontrar a verdadeira conclusão,
Transformai a terra em água, e a água em vento,
Disso fazei fogo e guardai-vos do dilúvio
De Noé, no qual muitos estão cegos,
De modo que desta ciência obtêm pouco proveito.

129-136 Aconselho-vos a comer e beber com moderação,
E a ter muito cuidado para que a Iposarca não se instale;
Não enfraqueçais vosso ventre bebendo sem medida,
Para que não apagueis vosso calor natural em pouco tempo;
A cor que aparecer em vosso rosto o dirá:
Portanto, não bebais mais do que podeis comer;
Caminhai de um lado para outro a passo tranquilo,
Não aqueçais demais vosso corpo a ponto de suar.

137-144 Com fogo brando, quando suardes depois do movimento,
Aquecei vosso corpo e tornai a secá-lo;
Caminhai junto a rios e fontes depois da refeição:
De manhã cedo, visitai a alta montanha,
Pois leio com certeza que assim manda a medicina:

Contudo, não subais tão alto na montanha
Que não possais ter um caminho fácil para descer,
E com vosso manto protegei-vos do frio.

145-152 Tal exercício é saudável, se enxugardes vosso suor
Com um pano e depois não apanhardes frio,
Pois os humores espessos são naturalmente purgados pelo suor;
Usai Diacameron, depois preparai com ouro perfeito
Hermodáctilo, que considero bom para os humores aquosos,
Usai hipérico perfurado com leite de titímalo;
E espermacete em partes iguais com vinho tinto quando envelhecerdes,
E leite de cabra fervido com ouro nutre a umidade radical.

153-160 Mas quem pretende ser um bom médico
Precisa conhecer bem nossa astronomia inferior
E depois aprender bem a observar a urina num vidro,
E, se for necessário aquecê-la, soprar o fogo,
Então, com habilidade, lançá-la de diversas maneiras,
E, conforme a causa, fazer prontamente um remédio,
Indicando com verdade todas as enfermidades, uma após outra:
Quem assim sabe fazer provavelmente prosperará em sua medicina.

161-168 Temos um céu incorruptível da quintessência,
Ornado de elementos, signos, planetas e estrelas brilhantes,
Que umedece nossa terra por uma influência sutil:
E dela um enxofre secreto, oculto à vista,
Ele extrai pela virtude de seu poder de atração;

Assim como a abelha tira o mel da flor,
Coisa que nenhum outro ser terreno pode fazer;
Portanto, apenas a Deus sejam a glória e a honra.

169-176 E assim como o gelo se derrete em água,
Da qual foi congelado pela violência do grande frio,
Quando Febo o atinge com o influxo de seu calor,
Assim também nosso ouro é reduzido a água mineral,
(Como escrevem claramente Alberto, Raimundo e Arnaldo)
Com calor e umidade produzidos pela arte,
Com a congelação do espírito. Vede! Agora expliquei
Como nossos materiais devem ser proporcionados entre si.

177-184 Na arte dos tintureiros podeis aprender esta ciência,
Observando como fazem decocções com água
Sobre seu pastel e sua garança, suavemente e com paciência,
Até aparecerem as tinturas que o tecido absorve,
Nele tão fixadas que jamais abandonarão
O tecido pela lavagem, depois de a ele se unirem;
Assim também nossas tinturas, com água de nosso lago,
Extraímos pela fervura com cinzas da árvore de Hermes.

185-192 Essas tinturas, quando aperfeiçoadas pela arte,
Tingem os metais com cores para sempre permanentes,
Conforme a qualidade do remédio vermelho ou branco;
De modo que nenhum fogo jamais as consumirá:
Se prestardes bastante atenção a este exemplo,

Mais depressa alcançareis vosso propósito,
E cuidai para que vosso fogo seja brando, sem ardor excessivo;
Onde a natureza parou, vede quando começareis.

193-200 Primeiro calcinai e depois putrefazei,
Dissolvei, destilai, sublimai, fazei descer e fixai,
Com água da vida, muitas vezes, lavai e secai,
E realizai um casamento entre o corpo e o espírito;
Se assim puderdes misturá-los naturalmente,
Ao dissolver o corpo, a água se congelará,
Então o corpo morrerá completamente do fluxo,
Sangrando e mudando de cor, como vereis.

201-208 No terceiro dia ele ressurgirá para a vida,
E devorará aves e feras do deserto,
Corvos, papagaios, pegas, pavões e tordos;
A fênix, a águia branca, o grifo temível,
O leão verde e o dragão vermelho ele subjugará;
Também o dragão branco, o antílope, o unicórnio, a pantera,
Com outras aves e feras, tanto maiores como menores;
Também o basilisco, que quase todos temem.

209-216 Em Bus e Nubi ele se erguerá e subirá
Até a Lua, e depois até o Sol,
Através do mar oceano, que é redondo e sem fim:
Embarcado apenas num pequeno tonel de vidro,
Quando ali chegar, então a mestria estará conquistada:

Nessa jornada não gastareis grandes bens,
E ainda assim vos alegrareis de que ela tenha sido iniciada,
Se quiserdes dedicar-vos pacientemente à vossa obra.

217-224 Pois então tanto corpo e espírito como óleo e água,
Alma e tintura, uma só coisa, tanto branca como vermelha,
Após variadas cores, ele contém, digam os homens o que disserem;
Ele também é chamado, depois de ter estado morto
E revivido, nossa marcassita, nosso ímã e nosso chumbo,
Nosso enxofre, nosso arsênico e nossa verdadeira cal viva:
Nosso Sol, nossa Lua, nosso fermento de nosso pão:
Nosso sapo, nosso basilisco, nosso corpo desconhecido, nosso homem, nossa mulher.

225-232 Nosso corpo, quando assim naturalmente renovado pela arte,
É chamado remédio de primeira ordem em nossa filosofia,
E muitas vezes deve ser novamente espiritualizado:
Girando a roda redonda de nossa já mencionada astronomia:
E assim deveis chegar ao elixir dos espíritos, pois,
Até que o que é do fixo seja superado pelo que é do volátil,
Ele é chamado apenas elixir dos corpos;
E esse ponto secreto verdadeiramente engana a muitos.

233-240 Este processo natural, assim consumado com a ajuda da arte,
Dissolve o elixir espiritual em nossa umidade untuosa;
Então deixai-os circular juntos em banho-maria,
Até que engrossem perfeitamente como mel novo ou óleo,
Então esse remédio curará toda espécie de enfermidade,

E transformará todos os metais em Sol e Lua com a maior perfeição:
Assim tereis tanto o grande elixir como o ouro potável,
Pela graça e vontade de Deus, a quem seja dado louvor eternamente.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PRÓLOGO

✦

1-7 Filho desta Disciplina, inclina para mim teu ouvido,
E escuta minha doutrina com toda a tua atenção;
Guarda na mente estas palavras de sabedoria,
Que vêm dos antigos Pais e são verdadeiras em seu sentido;
Vive com a alma pura, não ofendas a Deus:
Não te exaltes, mas conserva-te humilde,
Senão teu Deus não semeará Sabedoria em ti.

8-14 Da doutrina falsa e do pensamento perverso,
O Espírito Santo se afasta;
Não querendo habitar onde se pratica o Pecado,
Teme, portanto, a Deus e obedece à sua Lei,
Nunca vi um Homem justo abandonado:
Nem seus descendentes mendigarem pão por necessidade,
Assim leio na Santa Escritura.

15-21 Faze, portanto, da Sabedoria tua Irmã,
E chama a Prudência para ser tua Amiga,
Pelos caminhos da verdade elas te guiarão,
Com amor e honestidade, aonde quer que vás:
Para seres virtuoso, cortês e gentil:
Roga, portanto, a Deus que possas encontrar
Sabedoria e Prudência na boca e na mente.

22-28 Toda espécie de bem virá com elas,
E por suas mãos, honras incontáveis,
Então não cairás em dificuldades;
Pois são incomparáveis em riquezas:
Elas te tornarão capaz de alcançar honra e proveito,
Conhecimento e toda espécie de graça,
Tanto aqui como depois do tempo de tua vida.

29-35 Por esses benefícios que elas trazem,
Em parte enumerados pela sabedoria,
Nada posso comparar a elas;
Nem riquezas, nem especiarias perfumadas:
Acima de todo tesouro está sua excelência,
De modo que tudo o que é precioso na terra,
Comparado a elas, é certamente apenas barro.

36-42 Tesouro infinito são elas para o Homem,
Quem delas se servir terá amizade
Com Deus no Céu, e ali o verá,
Por isso, busca-as com vivo desejo,
Pois elas salvarão tanto o Corpo como a Alma;
E nesta vida multiplicam os Bens,
E diante dos Príncipes concedem dignidade.

43-49 Pensa em como Adão perdeu sua sabedoria,
Sansão, seu vigor, ele que era tão forte,
O rei Saul também perdeu seu Reino;
E Davi foi duramente castigado por seu erro:

No Carvalho, pelos cabelos, ficou pendurado o belo Absalão,
O rei Ezequias recebeu castigo pela doença,
E muitos outros foram arruinados pelo pecado.

50-56 Mas vê como outros, que viveram bem,
E não cometeram ofensa contra seu Deus,
Nunca sentiram tal castigo,
Mas Deus sempre lhes mostrou benevolência;
Enoque e Elias foram levados daqui,
Para o Paraíso, e outros que viveram bem foram
Recompensados por Deus de diversas maneiras.

57-63 Alguns tiveram grande Fortuna, outros, grande Conhecimento,
Alguns tiveram grande Paz, outros, grandes Riquezas,
Alguns conquistaram Terras para sua morada;
Alguns foram exaltados por sua grande mansidão,
Outros foram salvos da crueldade
De Tiranos, Leões e Fornalhas ardentes,
Como Daniel e outros em muitos lugares.

64-70 Assim, aos que vivem bem Deus envia grande graça,
E aos Pecadores, duro castigo;
Alguns tiveram tempo nesta vida para se corrigir,
Alguns foram de repente queimados pelo fogo do Céu,
Os pecaminosos Sodomitas foram arruinados para sempre;
Com Datã, Abirão e muitos outros,
Que pelo Pecado afundaram em sofrimento sem fim.

71-77 Assim, desde que o Mundo foi criado,
Deus tem recompensado tanto o mal como o bem;
Assim, se isso permanecer em teu pensamento,
Mudará tua disposição de viver em pecado.
Se as pessoas pecadoras entendessem isso,
Deveriam ter medo de ofender a Deus,
E logo corrigir suas vidas pecaminosas.

78-84 Portanto, procura começar com Deus,
Para que ele, pela graça, possa habitar contigo,
Assim alcançarás melhor a Sabedoria,
E o conhecimento de nosso grande segredo;
Cultiva as Virtudes e procura fugir dos Vícios,
E, confiando que te disporás bem,
Nossos segredos te revelarei.

85-91 Guarda-os em segredo e ora por mim,
Cuida de usá-los para agradar a Deus;
Com eles faze todo o bem que puderes,
Durante o tempo em que permaneceres nesta vida,
Para que, depois de teu fim, tenhas a certeza
De seres recompensado no Céu,
O que Deus conceda tanto a ti como a mim.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PREFÁCIO

✦

1-7 Ó elevada, incompreensível e gloriosa Majestade,
Cujos Raios luminosos ofuscam nossa contemplação;
Unidade em Substância, ó Trindade em Divindade,
Glorificação jubilosa dos que exultam nas Hierarquias;
Ó purificador compassivo das Almas e pura perpetuação;
Ó tu que desvias do perigo, ó tu que atrais com toda bondade;
Deste invejoso vale de vaidade, ó tu que nos elevas.

8-14 Ó Poder, ó Sabedoria, ó Bondade inexplicável;
Sustenta-me, ensina-me e sê meu Guia,
Para que minha vida nunca te desagrade,
Mas que eu cumpra meus deveres para contigo como fiel professo:
Neste começo, bom Senhor, ouve minha oração;
Fica perto de mim com tua Graça para fortalecer minha vontade,
Concede que eu possa cumprir meu propósito.

15-21 Cofre primoroso e abundante de todo tesouro
És tu, de quem desce toda bondade,
(Para o Homem) e também para cada Criatura;
Digna-te, portanto, proteger a Obra de tuas Mãos,
Para que não desperdicemos tempo enquanto vivemos aqui,
Concede-nos ganhar nosso sustento com verdade,
Para que não corramos nenhum perigo de Pecado.

22-28 E, uma vez que por tua causa
Renunciamos ao Mundo, às nossas Vontades e ao Desejo da Carne,
Recebe-nos como teus próprios professos voluntários;
Pois somente em ti repousa toda a nossa confiança,
Não podemos ir além, a ti devemos nos inclinar:
Digna-te fazer de nós os guardiões de teus Tesouros secretos,
Mostra-nos teus Segredos e sê generoso conosco.

29-35 Entre os outros que a ti se consagraram,
Eu me apresento em humilde Submissão,
Suplicando que eu possa ser teu Servo,
E verdadeiro no viver, conforme minha profissão:
Na ordem, Cônego regular de Bridlington;
Suplicando a ti, Senhor, que me poupes,
Para declarar teus segredos a teus verdadeiros Servos.

36-42 No princípio, quando fizeste tudo do nada,
Uma Matéria esférica e escura, em confusão,
Por ti, Criador, foi maravilhosamente formada,
Contendo por natureza todas as coisas sem divisão,
Das quais fizeste em seis Dias uma clara distinção;
Como o Gênesis abertamente registra,
Então Céu e Terra foram aperfeiçoados por tua palavra.

43-49 Assim, por tua Vontade e Poder, de uma Massa
Confusa foram feitas todas as coisas que existem;
Mas em tua glória já antes existias como criador,
Agora existes e existirás sem fim, certamente:

E Almas purificadas à tua bem-aventurança
Chegarão; este pode ser um princípio
Para a explicação de nossa Pedra.

50-56 Pois, assim como de uma Massa se fizeram todas as coisas,
Da mesma forma deve ser em nossa prática,
Todos os nossos segredos devem nascer de uma Imagem:
Nos Livros dos Filósofos, portanto, quem desejar ver,
Nossa Pedra é chamada o Mundo menor, um e três,
Também Magnésia de Enxofre e Mercúrio,
Proporcionados pela Natureza com toda perfeição.

57-63 Mas muitos se admiram, e podem se admirar,
E meditam sobre coisa tão maravilhosa,
O que é nossa Pedra, pois os Filósofos dizem,
Àqueles que sempre a estão buscando:
Até Aves e Peixes a trazem até nós,
Cada Homem a possui, e ela está em todo lugar,
Em ti, em mim, em todo tempo e espaço.

64-70 A isso respondo que ela é Mercúrio, certamente,
Mas não o comum, chamado pelo nome de azougue,
E sim o Mercúrio sem o qual nada existe;
Todos os verdadeiros Filósofos registram e dizem o mesmo:
Mas os pesquisadores ingênuos os culpam,
Dizendo que o escondem, porém são eles os dignos de culpa,
Que não são eruditos e se intrometem na Filosofia.

71-84 Mas, embora seja Mercúrio, entende com sabedoria
Em que ele está, onde deves procurá-lo,
Caso contrário, aconselho-te a não empreender esta obra,
Pois os Filósofos lisonjeiam os Tolos com belas Palavras:
Mas escuta-me, pois verdadeiramente te ensinarei
Qual é o Mercúrio mais proveitoso para ti,
Que em nada te enganará.
Ele está mais próximo em algumas coisas do que em outras,
Portanto, presta atenção ao que te escrevo,
Pois, se nunca chegares ao conhecimento
Dele, ainda assim não deverás me censurar:
Pois agora verdadeiramente te estimularei
A compreender bem os três Mercúrios,
Que são as chaves de nossa Ciência.

85-91 Raimundo os chama seus Menstruos,
Sem os quais, de fato, nada verdadeiro se realiza,
Mas dois deles são Superficiais:
O terceiro é essencial do Sol e da Lua;
Suas propriedades declararei em breve,
E o Mercúrio essencial de outros Metais
É o principal material de nossa Pedra.

92-98 No Sol e na Lua nosso Menstruo não é visto,
Ele só se mostra à vista por seu efeito,
Essa é a Pedra de que falamos;
Para quem compreende corretamente nossos escritos,

Ela é uma Alma, uma substância brilhante:
Do Sol e da Lua, uma influência sutil,
Pela qual a Terra recebe resplendor.

99-105 Pois o que são Ouro e Prata, diz Avicena,
Senão Terra que é Branca e Vermelha puras,
Retira dela a dita claridade, e então
Essa Terra terá pouca utilidade;
O composto inteiro é chamado nosso Chumbo,
A qualidade da claridade vem do Sol e da Lua,
Esses são nossos Menstruos, todos eles.

106-112 Com o primeiro Calcinamos naturalmente os Corpos
Perfeitos, mas nenhum que seja impuro,
Exceto um que geralmente
É chamado pelos Filósofos de Leão Verde,
Ele é o intermediário entre o Sol e a Lua:
Para unir as Tinturas com perfeição,
Como disso dá testemunho Geber.

113-119 Com o Segundo, que é uma Umidade
Vegetal que revive o que antes estava morto,
Devem ser dissolvidos os princípios materiais
E os formais, senão terão pouca utilidade:
Aconselho-te, portanto, a conhecer os Menstruos:
Sem eles, nem a verdadeira Calcinação
Pode ser feita, nem tampouco a Dissolução natural.

120-126 Com a terceira umidade, a mais permanente,
Incombustível e untuosa em sua natureza,
A Árvore de Hermes deve ser queimada até virar cinzas:
Ela é nosso Fogo Natural mais seguro,
Nosso Mercúrio, ou Enxofre, ou Tintura pura:
Nossa Alma, nossa Pedra, levada pelo vento,
Gerada na Terra, guarda isso em tua mente.

127-133 Esta Pedra, também ouso te dizer,
É o vapor dos Metais em potência,
Deves cuidar de como a obterás:
Pois este Menstruo é verdadeiramente invisível:
Porém, com a segunda Água filosófica,
Pela separação dos Elementos, ele pode aparecer
À vista em forma de Água clara.

134-140 De nosso Menstruo, tornado abundante pelo trabalho,
E com ele pode ser feito o Enxofre da natureza,
Se for bem aguçado e de modo natural;
E circulado até se tornar um Espírito puro:
Então deves cuidar de dissolver
Tua Base com ele de diversas maneiras,
Como saberás por tua prática.

141-147 Esse ponto, portanto, em seu devido lugar,
Declararei com muitos outros,
Se Deus me conceder tempo e graça:
E me preservar a vida do sofrimento;

Cuida de fazer como te ensino,
E, como teu primeiro fundamento principal,
Compreende tua Água menstrual.

148-154 E quando tiveres feito a verdadeira Calcinação,
Aumentando, sem consumir, a umidade radical,
Até que tua Base, por repetidas sutilizações,
Flua facilmente como Cera sobre Metal;
Então dissolve-a com teu Menstruo vegetal,
Até que dela obtenhas Óleo de Cor brilhante,
Então teu Menstruo estará visível aos olhos.

155-161 E o Óleo é extraído na cor do Ouro,
Ou semelhante a ela, de nosso fino Chumbo Vermelho,
Do qual Raimundo disse, quando era velho,
Que lhe seria muito mais útil que o Ouro,
Pois, quando pela idade estava perto da morte,
Fez dele Ouro Potável,
Que o reanimou, como os Homens puderam ver.

162-168 Pois assim podem ser Circulados juntos,
Isto é, o Óleo e o Menstruo vegetal,
Cada um assim tornado abundante pelo trabalho,
E transformados pela Arte numa Pedra Celestial:
De Natureza tão ígnea que a chamamos
Nosso Basilisco, ou ainda nossa Cocatriz,
Nosso grande Elixir de maior valor.

169-175 O qual, assim como o olhar de um Basilisco mata
Aquilo que vê, mata o Mercúrio cru,
Quando sobre ele é projetado,
Num piscar de Olhos, de modo súbito,
Esse Mercúrio tinge permanentemente
Todos os corpos, tornando-os Sol e Lua perfeitos,
Assim conduz tua base, tanto Vermelha como Branca.

176-182 Assim é feito o Ouro Potável,
De Ouro, não o comum calcinado;
Mas de nossa Tintura, que não desaparecerá,
Extraída de nossa Base com o Menstruo circulado,
Mas a Calcinação natural deve necessariamente
Ser feita antes que teu Ouro seja dissolvido,
Esse Princípio te explicarei primeiro.

183-189 Mas dividirei este Tratado em Capítulos,
Doze ao todo, com a devida Recapitulação;
Deixo de lado as repetições supérfluas,
Com a intenção apenas de dar Informações verdadeiras,
Tanto da Teoria como da operação Prática:
Para que todo aquele que se deixar guiar por meus escritos
Alcance plenamente seu propósito.

190-196 O Primeiro Capítulo será sobre a Calcinação natural;
O Segundo, sobre a Dissolução secreta e Filosófica;
O Terceiro, sobre nossa Separação Elementar;
O Quarto, sobre a Conjunção matrimonial;

O Quinto, sobre a Putrefação, virá em seguida;
Sobre a Congelação que embranquece será o Sexto,
Depois, sobre a Cibação, virá o Sétimo.

197-203 O segredo de nossa Sublimação o oitavo mostrará;
O nono será sobre a Fermentação,
O Décimo, sobre nossa Exaltação, creio;
O Décimo Primeiro, sobre nossa maravilhosa Multiplicação;
O Décimo Segundo, sobre a Projeção; depois, a Recapitulação;
E assim este Tratado chegará ao fim,
Com a ajuda de Deus, como pretendo.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A PRIMEIRA PORTA: DA CALCINAÇÃO

✦

1-7 A Calcinação é a purificação de nossa Pedra,
Restaurando também seu calor natural;
Da umidade radical, ela nada perde;
Trazendo à nossa Pedra a Solução mais adequada,
Segundo a Filosofia, eu vos asseguro,
Não sigais o costume comum,
Com Enxofre e Sais preparados de diversas maneiras.

8-14 Nem com Corrosivos, nem apenas com Fogo,
Nem com Vinagre, nem com Água ardente,
Nem com o vapor de Chumbo nossa Pedra
É Calcinada conforme nosso propósito:
Todos os que assim se dispõem a Calcinar
Retirem as mãos desta difícil Ciência,
Até que compreendam melhor nossa Calcinação.

15-21 Pois com tal Calcinação seus corpos são arruinados,
O que diminui a umidade de nossa Pedra;
Portanto, quando os corpos são queimados até virarem pó,
Secos como cinzas de Árvore ou de Osso,
Não queremos tal Cal,
Pois multiplicamos a umidade radical
Na Calcinação, sem diminuí-la em nada.

22-28 E como fundamento seguro de nossa verdadeira Calcinação,
Trabalhai com discernimento, unindo apenas natureza com natureza;
Pois a natureza tem inclinação e desejo por sua semelhante;
Quem não sabe disso é cego no conhecimento:
Pode vagar como a Névoa ao Vento,
Sem nunca saber ao certo onde pousar,
Porque não consegue compreender corretamente nossas palavras.

29-35 Uni, portanto, natureza com natureza, como manda a razão,
Pois cada Broto corresponde à sua própria Semente;
O Homem gera o Homem, e o Animal gera o Animal igualmente;
Não é preciso tratar mais disso,
Mas compreende este ponto se quiseres ter êxito;
Cada coisa é primeiro Calcinada em sua própria natureza,
Compreendendo bem isso, encontrarás aí o fruto.

36-42 E fazemos Cales untuosas, tanto Brancas como Vermelhas,
Em três graus, antes que nossa Base esteja perfeita;
Fusíveis como Cera, de outro modo pouco servem;
Por um processo bem longo, como escrevem os Filósofos,
Tomamos um ano ou mais como prazo:
Pois em menos tempo nossa Cal não será feita,
Capaz de tingir com uma cor que não desbote.

43-49 Quanto à Proporção, deves ter cuidado,
Pois nela muitos se enganam,
Portanto, para que não estragues tua obra,
Que o Corpo seja finamente limado

Com Mercúrio, em igual quantidade, assim sutilizado:
Uma parte do Sol, duas da Lua,
Até que tudo se torne como uma papa.

50-56 Então faz que o Mercúrio seja quatro para o Sol,
Duas para a Lua, como deve ser,
E assim tua obra deve começar,
Na figura da Trindade;
Três do Corpo e três do Espírito:
E, pela unidade da substância espiritual,
Uma a mais que da substância corporal.

57-63 Segundo o Repertório de Raimundo, isso é verdade,
Para quem quiser ali consultar a Proporção,
A mesma que meu Doutor me mostrou;
Mas Bacon tomou três do Espírito
Para uma do Corpo; para aprender isso, fiquei acordado
Muitas noites antes de o saber,
E ambas são verdadeiras; escolhei a que quiserdes.

64-70 Se a Água for igual em Proporção
À Terra, que aqueces na devida medida,
Dela nascerá um novo broto;
Tanto Branco como Vermelho, em tintura pura,
Que no Fogo resistirá para sempre:
Mata então o vivo, revive o morto,
Faz da Trindade uma Unidade sem nenhuma disputa.

71-77 Esta é a melhor e a mais segura Proporção,
Pois aqui há o mínimo da parte espiritual,
Melhor, portanto, será a Solução
Do que se a fizesses com pouca Água,
Tua Terra pegajosa demais, o que faz tudo perder:
Atenta, portanto, para o barro dos oleiros,
E nunca deixes mole demais o ventre de teu vaso.

78-84 Observa como esse barro é temperado,
E também o modo como o Calcinas;
E cuida de sempre ter isto em mente:
Que tua Terra nunca seja sufocada pela Água,
Seca tua umidade com calor bem moderado:
Ajuda a Dissolução com a umidade da Lua,
E a Congelação com o Sol; então terás terminado.

85-91 Quatro Naturezas se transformarão assim na quinta,
Que é uma Natureza perfeitíssima e temperada;
Mas é duro chutar com o pé descalço
Contra um prego de Ferro ou Aço recém-afiado:
Assim fazem muitos que estão iludidos,
Quando tomam nas mãos coisas tão elevadas,
Que de modo algum compreendem.

92-98 Em Ovos, em Vitríolo ou em Sangue,
Que riquezas pensam eles encontrar?
Se compreendessem a Filosofia,
Não seriam tão cegos em seu trabalho,

Buscando Ouro ou Prata fora de sua natureza:
Pois, assim como o Fogo é o princípio da queima,
Também o princípio de dourar é o Ouro, certamente.

99-105 Se pretendes, portanto, fazer
Ouro e Prata pela arte de nossa Filosofia,
Não tomes para isso Ovos nem Sangue,
Mas Ouro e Prata, que naturalmente,
Calcinados com sabedoria, e não manualmente,
Produzirão uma nova geração,
Multiplicando sua espécie, como faz cada coisa.

106-112 E se fosse verdade que a perfeição pudesse existir
Em coisas que não são metálicas,
Nas quais há Cores agradáveis de ver,
Como no Sangue, nos Ovos, no Cabelo, na Urina e no Vinho,
Ou nos Metais inferiores extraídos da Mina,
Ainda assim seus Elementos devem ser putrefeitos e separados,
E unidos aos Elementos de Corpos perfeitos.

113-119 Mas primeiro faz a Rotação desses Elementos,
E transforma tua Terra em Água antes de tudo;
Depois faz de tua Água Ar por Levigação;
E do Ar faz Fogo; então te chamarei MESTRE
De todos os nossos segredos, grandes e pequenos:
Sabes fazer girar a Roda dos Elementos,
Compreendendo verdadeiramente nossos Escritos, sem dúvida.

120-126 Feito isso, volta atrás, girando tua Roda novamente,
E transforma então teu Fogo em tua Água sem demora;
E o Ar em Terra, ou trabalharás apenas em vão:
Pois assim nossa Pedra é levada ao equilíbrio,
E as quatro Naturezas contrárias se tornam uma,
Depois de terem Circulado três vezes,
E tua Base também estará perfeitamente consumada.

127-133 Assim, sob a umidade da Lua,
E sob o calor moderado do Sol,
Teus Elementos logo serão incinerados,
E então terás alcançado o Domínio;
Agradece a Deus: tua obra então começou,
Pois aí tens um sinal verdadeiro,
Que primeiro se mostrará a ti na negrura.

134-140 A cabeça do Corvo é como chamamos esse sinal,
E alguns o chamam de bico do Corvo;
Alguns o chamam de Cinzas da Árvore de Hermes,
E assim lhe dão nomes conforme sua vontade,
Nosso Sapo da Terra, que come até se fartar:
Alguns o nomeiam por aquilo que o mortifica,
O espírito da Terra intoxicado com veneno.

141-147 Mas seus Nomes, digo, são infinitos,
Pois recebe o nome de tudo que parece Negro;
Assim é chamado até o momento em que se torna Branco,
Pois, depois da negrura, quando se torna brilhante,

Recebe então nomes mais agradáveis,
Conforme as coisas Brancas; o Vermelho, do mesmo modo,
Segue a regra das coisas Vermelhas e delas tira seu nome.

148-154 Pela primeira Porta, agora entraste
No Castelo dos Filósofos, onde eles habitam;
Prossegue com sabedoria, para conseguires entrar
Por mais Portas desse Castelo,
Que é redondo como um Sino:
E ainda tem mais Onze Portas,
Uma está conquistada; agora vai à Segunda.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A SEGUNDA PORTA: DA SOLUÇÃO

✦

1-7 Da Solução agora direi uma palavra ou duas,
Ela revela o que antes estava oculto à vista,
E também torna sutis as coisas que eram espessas,
Pela virtude de nosso primeiro Menstruo, claro e brilhante,
No qual nossos Corpos ficam eclipsados à vista,
E, sutilizados em sua estrutura dura e seca,
Retornam naturalmente à sua própria natureza primeira.

8-14 São um em Gênero, mas em Número não,
Seu Pai é o Sol, e a Lua é de fato a Mãe,
O meio é Mercúrio; estes dois, e nenhum outro,
São nossa Magnésia, nosso Adrop, e nada mais;
Há apenas estas coisas: Irmã e Irmão,
Isto é, Agente e Paciente,
Enxofre e Mercúrio, da mesma essência segundo nosso propósito.

15-21 Entre estes dois, contrários em qualidade,
É gerado um Meio de maneira muito maravilhosa,
Que é nosso Mercúrio e Menstruo untuoso;
Nosso Enxofre secreto, agindo invisivelmente,
Queima o corpo com mais força que o Fogo,
Dissolvendo em Água o Corpo mineral,
O que chamamos de Noite, pela escuridão na parte Norte.

22-28 Mas ainda creio que não compreendes inteiramente
O verdadeiro segredo da Dissolução dos Filósofos;
Portanto, aconselho-te a me compreender com discernimento,
Pois te direi a verdade, sem engano:
Nossa Solução é a causa de nossa Congelação,
Pois a Dissolução do lado corporal
Causa a Congelação do lado Espiritual.

29-35 E Dissolvemos em Água que não molha a mão,
Pois quando a Terra está inteiramente incinerada,
Então a Água está congelada; compreende isto,
Pois os Elementos estão de tal modo encadeados
Que, quando o corpo é alterado em sua primeira forma,
Uma nova forma é introduzida imediatamente,
Pois nada existe completamente sem forma alguma.

36-42 E aqui te revelarei um segredo,
Que é o fundamento de todos os nossos segredos;
E, se não o souberes, apenas perderás
Teu trabalho e teus gastos, grandes e pequenos;
Cuida, portanto, para não caíres em Erro:
Quanto mais Terra e menos Água tiveres,
Mais cedo e melhor verás a Solução.

43-49 Observa como o Gelo se desfaz em Água,
E assim deve ser, pois antes era Água;
Do mesmo modo nossa Terra tende a voltar à Água,
E por ela a Água fica congelada para sempre,

Pois, segundo todos os Filósofos que já nasceram,
Todo Metal foi outrora Água mineral,
Por conseguinte, com Água, todos se transformam em Água.

50-56 Nessa Água, por causa da natureza,
Há oposição e diversidade de qualidades;
As coisas devem, portanto, girar e se transformar umas nas outras,
Até que a diversidade seja levada à unidade perfeita,
Pois a Escritura registra quando a Terra será
Abalada, e no Mar profundo serão lançadas
Montanhas, e assim também nossos Corpos, por fim.

57-63 Nossos Corpos são devidamente comparados
A Montanhas que nomeamos segundo os elevados Planetas;
Portanto, nas profundezas do Mercúrio,
Transforma-os e guarda-te de erro,
Então vereis um Nobre espetáculo:
Como tudo se tornará um pó suave como seda;
Assim nosso Coalho, por natureza, coalha nosso Leite.

64-70 Então nossos Corpos terão perdido sua primeira forma,
E outras serão introduzidas imediatamente;
Então terás empregado bem teus gastos,
Enquanto outros, sem conhecimento, terão de passar adiante,
Sem conhecer os segredos de nossa Filosofia;
Mas ainda devo te dizer mais um ponto,
Como todo Corpo tem três dimensões.

71-77 Altura, Largura e Profundidade,
Pelas quais devemos fazer girar nossa Roda;
Sabendo que tua entrada será pelo Oeste,
Tua passagem seguirá para o Norte, se fizeres bem,
E ali tuas Luzes perdem completamente sua Luz:
Pois ali deves permanecer por Noventa Noites,
Na escuridão do Purgatório, sem Luz.

78-84 Então segue teu curso para o Leste sem demora,
Passando por Cores muito variadas, de muitas maneiras,
E então o Inverno e a Primavera estarão quase terminados;
Para o Leste, portanto, prepara tua subida,
Pois ali o Sol se ergue com a luz do Dia
No Verão; ali te diverte com alegria,
Pois ali tua Obra se tornará perfeitamente Branca.

85-91 Do Leste sobe para o Sul,
E ali instala teu Trono de Fogo,
Pois ali está a Colheita, isto é, o fim
De toda esta Obra, conforme teu próprio desejo:
Ali o Sol brilha no alto, em sua própria esfera,
E depois do Eclipse se reveste de vermelho e de glória,
Para reinar como Rei sobre todos os Metais e o Mercúrio.

92-98 E tudo isso deve ser feito em um único Vidro,
De forma semelhante a um Ovo e bem fechado;
Então deveis conhecer a medida do aquecimento,
Pois, sem conhecê-la, tua Obra estará completamente perdida;

Nunca deixes teu Vidro mais quente do que possas suportar ao toque,
E continuar segurando em tua mão nua,
Por receio de perder tudo, como os Filósofos te disseram.

99-105 Atenta ainda a mais este ensinamento meu:
Cuida de nunca abrir nem mover teu Vidro,
Desde o início até que tenhas chegado ao fim;
Se fizeres o contrário, tua Obra jamais poderá ter êxito;
Assim, neste Capítulo, que é tão breve,
Eu te ensinei tua verdadeira Solução;
Agora vai à Terceira Porta, pois esta está conquistada.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A TERCEIRA PORTA: DA SEPARAÇÃO

✦

1-7 A Separação divide cada parte da outra,
O sutil do espesso, do grosso o delgado;
Mas a separação feita à mão, deixa-a de lado:
Pois ela é coisa de tolos, que pouco bem alcançam;
Já na nossa Separação a natureza não para,
Fazendo a divisão das qualidades elementares
Até o quinto grau, até que todas se transformem.

8-14 A Terra se transforma em Água negra e azulada,
E a Água depois em Ar, muito branco;
O Ar se transforma em Fogo; outros elementos não há;
Disso se faz com arte a nossa Pedra de grande deleite.
Mas desta Separação ainda temos muito a escrever;
E a Separação é chamada, na definição dos Filósofos,
A dispersão em quatro dos ditos Elementos.

15-21 E desta Separação encontro uma figura semelhante,
Assim dita pelo Profeta no Saltério:
Deus fez sair de uma Pedra um rio de Água pura,
E da Pedra mais dura, Óleo em abundância.
Assim também da nossa preciosa Pedra, se fores sábio,
Tirarás Óleo incombustível e Água,
E para isso não precisarás soprar os carvões.

22-28 Faze isso com calor brando e medido,
Primeiro com Fogo úmido, e depois com o seco;
Tirando com Paciência a fleuma,
E depois disso, com sabedoria, as tuas outras naturezas;
Seca a tua Terra até que tenha sede:
Pela Calcinação; do contrário trabalhas todo em vão;
E então faze-a beber de novo a sua umidade.

29-35 Assim deves fazer muitas vezes a Separação,
Dividindo a tua Matéria em duas partes;
De modo que tires o Simples do grosso,
Até que a Terra fique no fundo, de cor azulada;
Essa Terra é fixa, para suportar todo tormento:
A outra parte é Espiritual e voadora,
Mas tu deves transformá-las todas numa só coisa.

36-42 Então o Óleo e a Água destilarão com Água,
E pela ajuda dela receberão mistura:
Guarda bem estas duas, para não perderes
A tua Obra por falta do devido fechamento;
Faze a tua Tampa de vidro, fundindo
Com ela o alto do teu Vaso,
E assim se procede como Filósofo.

43-49 A Água com que deves renovar a tua Pedra,
Cuida de destilá-la antes de trabalhar com ela,
Muitas vezes, ela sozinha:
E pela tua vista saberás bem

Quando estiver livre das fezes impuras:
Pois alguns sabem multiplicá-la com Saturno
E com outra Substância, que nós rejeitamos.

50-56 Destila-a portanto até que fique limpa,
E fina como a Água deve ser,
Brilhante e clara na cor como o Céu,
Guardando tanto a figura quanto o peso;
Com ela Hermes regou a sua Árvore:
Dentro do seu Vidro a fez crescer bem reta,
Com Flores de muitas cores, belas de ver.

57-63 Esta Água é semelhante à víbora venenosa,
Com que se faz a poderosa Teriaga;
Pois é o Veneno mais forte em fúria;
Veneno mais forte não se pode imaginar:
Por isso muitas vezes é comprada nos Boticários:
Mas ninguém será envenenado por ela
Depois que for elevada a Medicina.

64-70 Pois então, como a Teriaga verdadeira,
É a que mais expulsa os venenos;
E no seu trabalho mostra maravilhas,
Trazendo muitos da morte à vida.
Cuida de não misturá-la com nenhum corrosivo:
Mas escolhe-a pura e viva, corrente,
Se queres com ela ter ganho.

71-77 É uma coisa maravilhosa na sua natureza,
E sem ela nada se pode fazer;
Por isso Hermes a chama o seu Vento,
Pois ela sobe voando do Sol e da Lua,
E faz a nossa Pedra voar logo com ela:
Revivendo o morto e dando vida
Ao Sol e à Lua, Marido e Mulher.

78-84 Os quais, se não fossem vivificados com arte,
E a sua gordura tirada com Água;
E assim o fino separado do espesso,
Nunca levarias esta obra a cabo:
Se queres, portanto, ter sucesso sem dúvida,
Levanta os teus Pássaros do seu ninho,
E depois torna a trazê-los para baixo, ao repouso.

85-91 A Água com a Água se unirá e subirá,
E o Espírito com o Espírito, pois são da mesma natureza;
Depois de exaltados, faze-os descer,
E assim dividirás o que a natureza antes ligou,
Transformando em vento o Mercúrio essencial:
Sem essa natural e sutil Separação
Nunca pode haver Geração completa e proveitosa.

92-98 Agora, para te ajudar a entrar por esta Porta,
O último Segredo eu te direi:
A tua Água deve ser sublimada sete vezes,
Senão não haverá Dissolução natural,

Nem verás Putrefação nenhuma,
Como piche líquido, nem cores aparecendo,
Por falta de fogo trabalhando dentro do teu Vidro.

99-105 Há quatro Fogos que deves entender:
O Natural, o Inatural, o contra a Natureza, e também
O Elementar, que queima a lenha;
Estes quatro Fogos usamos, e não mais:
O Fogo contra a Natureza deve atormentar os teus corpos;
Esse é o nosso Dragão, como te digo,
Queimando ferozmente como o Fogo do Inferno.

106-112 O Fogo da Natureza é o terceiro, o Menstrual;
Esse fogo está por natureza em todas as coisas;
Mas o fogo ocasional chamamos Inatural,
E o calor das cinzas e dos banhos para putrefazer:
Sem estes fogos não poderás levar
À Putrefação, para serem separadas,
As tuas matérias juntas, em proporção.

113-119 Por isso faze o fogo dentro do teu Vidro,
Que queima os Corpos mais que o fogo
Elementar; se queres alcançar
O nosso Segredo conforme o teu desejo,
Então as tuas sementes criarão raiz e broto,
Com a ajuda do fogo Ocasional,
Para que depois, naturalmente, possam ser separadas.

120-126 Assim deve ser conquistada a Porta da Separação,
Para que possas seguir adiante
Rumo à Porta da secreta Conjunção,
Para dentro do Castelo, que te levará ao interior;
Segue por conseguinte o meu Conselho, se queres ter sucesso;
Com duas fortes fechaduras esta Porta está fechada,
Como logo em seguida vais saber.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A QUARTA PORTA: DA CONJUNÇÃO

✦

1-7 Depois do Capítulo da Separação natural,
Pela qual os Elementos da nossa Pedra são separados,
Segue-se aqui o Capítulo da secreta Conjunção,
Que une as naturezas contrárias em perfeita Unidade,
E as liga de tal modo que nenhuma possa fugir da outra;
Quando forem postas à prova pelo Fogo,
Então estarão juntas, seguramente casadas.

8-14 E por isso os Filósofos dão esta definição,
Dizendo assim: a Conjunção não é outra coisa
Senão a Cópula de qualidades separadas;
Ou, como dizem outros, um igualamento de Princípios.
Mas alguns, com o Mercúrio que os Boticários vendem,
Misturam Corpos que não conseguem dividir
A sua matéria, e por isso se desviam do caminho.

15-21 Pois até que a Alma seja Separada
E purificada do seu Pecado original
Com a Água, e tornada puramente espiritual,
Nunca poderás começar a tua verdadeira Conjunção;
Por isso, primeiro separa a Alma do Corpo:
Então, da parte corporal e da espiritual,
A Alma fará uma Conjunção perpétua.

22-28 De duas Conjunções os Filósofos fazem menção:
A grosseira, quando o Corpo é de novo incendiado com o Mercúrio;
Mas deixa-a passar, e presta atenção à segunda,
Que, como eu disse, se celebra depois da Separação:
Na qual as partes ficam unidas, as que menos se unem;
E assim elevadas à mais perfeita temperança,
Nunca mais poderá haver entre elas Repugnância.

29-35 Assim a Separação faz que se tenha a verdadeira Conjunção
Da Água, do Ar, da Terra e do Fogo,
Para que cada Elemento possa ser levado ao outro,
E assim permaneça para sempre, conforme o teu desejo;
Faze como fazem os Trabalhadores com o Barro e a Lama:
Amassa-os espessos, e não os faças ralos demais,
Pois assim mais depressa conseguirás secá-los.

36-42 Mas há três maneiras desta Conjunção:
A primeira é chamada pelos Filósofos Diptativa,
Entre o Agente e o Paciente, que devem ser
Macho e Fêmea, Mercúrio e Enxofre vivo;
Matéria e forma, fino e espesso, para prosperar.
Esta lição te ajudará, sem dúvida nenhuma,
A levar a cabo verdadeiramente a nossa Conjunção.

43-49 A segunda maneira se chama Triptativa,
Que é a Conjunção feita de três coisas:
De Corpo, Alma e Espírito, até que não briguem,
Trindade que deve ser levada à perfeita unidade;

Pois como a Alma ao Espírito deve ser o laço,
Assim também a Alma deve se unir ao Corpo:
Não deixes esta lição fugir da tua mente.

50-56 A terceira maneira, e também a última de todas,
Que une os quatro Elementos para permanecerem juntos,
Os Filósofos a chamam, de bom grado, Tetraptativa,
E especialmente Guido de Montanor, cuja fama corre longe;
E por isso é a maneira mais louvável neste tempo:
Na nossa Conjunção os quatro Elementos devem ser agregados
Na devida proporção, eles que antes estavam separados.

57-63 Portanto, assim como a Mulher tem quinze Veias,
E o Homem só cinco, para o ato da fecundidade dela,
Assim se requer na nossa Conjunção, primeiro, digo eu,
Que o Homem, o nosso Sol, tenha três partes da sua água;
E nove a sua Mulher, que devem ser três para ele:
Então o semelhante terá alegria em morar com o semelhante;
Mais da Conjunção não preciso dizer.

64-70 Por isso concluirei este Capítulo bem depressa,
Encarregando-te de fazer apenas uma Conjunção grosseira,
Pois raramente as Meretrizes geram Filhos, eu sei,
E assim nunca chegarás à nossa Pedra
Se não deixares a Mulher deitar-se sozinha;
Para que, depois de ter concebido do Homem,
A sua Matriz fique fechada a todos os outros.

71-77 Pois os que acrescentam sempre cru ao cru,
Abrindo os seus vasos e deixando a sua matéria esfriar,
Não nutrem o esperma concebido, mas se enganam
A si mesmos, e estragam a sua obra inteira;
Se queres, portanto, fazer bem,
Fecha a Matriz e nutre a semente
Com calor contínuo e moderado, se queres ter sucesso.

78-84 E quando o teu Vaso tiver ficado ali cinco Meses,
E as Nuvens e os Eclipses tiverem passado, um por um,
E a luz aparecer, aumenta logo o calor,
Até que a tua Pedra fique clara e brilhante na Brancura;
Então poderás abrir logo o teu Vidro,
E alimentar o teu Filho, que então terá nascido,
Com leite e comida, cada vez mais.

85-91 Pois agora o úmido e o seco estão tão temperados,
Que a terra recebeu a impressão da Água;
E depois nunca mais poderão ser separadas,
E do mesmo modo a Água deu entrada na Terra,
De modo que ambas fizeram voto de morar juntas:
E a Água conseguiu da Terra a retenção;
Os quatro se fizeram um, para nunca mais brigarem.

92-98 E em duas coisas depende toda a nossa intenção:
No seco e no úmido, que são dois contrários;
No seco, para que leve o úmido a se fixar;
No úmido, para que dê à Terra a liquefação,

Para que deles, assim temperados, saia
Um temperamento não tão espesso como é o Corpo,
Nem tão fino como a Água, sem falta.

99-105 Soltar e ligar são, por conseguinte, os dois Princípios
Desta difícil Ciência, e os Polos mais importantes;
Ainda que haja muitos outros princípios,
Como janelas brilhantes, que hei de mostrar:
Segue, portanto, para outra muralha
Deste forte Castelo da nossa sabedoria,
Para que possas entrar pela Quinta Porta.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A QUINTA PORTA: DA PUTREFAÇÃO

✦

1-7 Agora começa o Capítulo da Putrefação,
Sem a qual, que é um Polo, nenhuma semente pode se multiplicar;
Ela deve ser feita apenas pela ação contínua
Do calor no corpo, úmido, e não com as mãos,
Pois de outro modo os Corpos não podem ser alterados naturalmente:
Já que Cristo dá testemunho: se o grão de Trigo não
Morrer na terra, não poderás obter aumento.

8-14 E do mesmo modo, se a tua Matéria não Putrefizer,
De modo nenhum poderá ser verdadeiramente alterada,
Nem os teus Elementos poderão ser divididos naturalmente;
Nem a Conjunção deles poderá ser celebrada perfeitamente:
Para que o teu trabalho, portanto, não seja frustrado,
Entende bem o segredo da Putrefação
Antes de pores mãos a esta Obra.

15-21 E a Putrefação pode assim ser definida:
Segundo o que dizem os Filósofos, é a morte dos Corpos,
E no nosso Composto uma divisão de três coisas,
Que leva os Corpos mortos à corrupção,
E depois os torna aptos à Regeneração:
Pois as coisas que estão na Terra, sem dúvida,
São geradas pela rotação dos Céus em volta.

22-28 E por isso, como eu disse antes,
Com os teus Elementos misturados e sabiamente igualados,
Evita sempre manter um calor sem medida,
Para que pelo calor violento nunca sejam reduzidos a cinza,
A um pó seco e inutilmente avermelhado;
Mas sim a um pó negro como o bico de um Corvo,
Com o calor do Banho, ou então do nosso Estrume.

29-35 Até que se passem noventa Noites,
No calor úmido guarda-os de qualquer coisa;
Logo depois, pela negrura, verás
Que eles depressa caminham para a putrefação,
A qual depois levarás, por muitas cores,
À perfeita Brancura, com Paciência e calma,
E assim a tua semente se multiplicará na sua natureza.

36-42 Faze cada um abraçar e beijar o outro,
E como Crianças brincar para cima e para baixo,
E quando as suas camisas estiverem sujas de urina,
Então que a Mulher seja obrigada a lavá-las,
A qual muitas vezes, de fraqueza, cairá desmaiada:
E morrerá por fim com todos os seus Filhos,
E irá ao Purgatório purgar a sua imundície original.

43-49 Quando estiverem ali, pouco a pouco aumenta
As suas penas com o calor, cada vez mais;
Nunca deixes o Fogo cessar sobre eles:
E cuida que a tua Fornalha seja própria para isso,

A que os sábios chamam Atanor:
Conservando com toda a moderação o calor requerido,
Pelo qual a Água putrefaz naturalmente.

50-56 Deste Princípio fala o sábio Guido,
E diz que pelo apodrecimento morre o Composto corporal,
E depois, como dizem Morieno e muitos outros,
Ressurge de novo Regenerado, Simples e Espiritual;
E se não houvesse calor e umidade contínuos,
O Esperma no útero não poderia ter morada,
E assim não brotaria dele fruto nenhum.

57-63 Portanto, no começo, toma as nossas Pedras,
E enterra cada uma com a outra dentro da sua Sepultura;
Então faze igualmente um Casamento entre elas,
Para se deitarem juntas seis semanas; depois deixa que tenham
A sua semente concebida, para nutrir e guardar naturalmente;
Sem se levantarem do fundo da sua sepultura nesse tempo,
E este ponto secreto engana a muitos.

64-70 Este tempo da Concepção espera-o com calor brando;
A Negrura que aparecer te dirá quando eles morrem;
Pois juntos, nesse tempo, como Piche líquido,
Incharão e borbulharão, assentarão e Putrefarão;
Cores brilhantes verás ali dentro,
Semelhantes ao Arco-íris, maravilhosas à vista;
A Água então começa a secar de todo.

71-77 Pois nos Corpos úmidos o calor que nutre, moderado,
Gera em primeiro lugar a Negrura, que é
O sinal designado da mistura natural;
E da verdadeira Putrefação, lembra-te disto,
Pois então não poderás falhar em alterar perfeitamente;
E assim pela Porta da Negrura deves entrar
Para a luz do Paraíso na Brancura, se queres vencer.

78-84 Pois primeiro o Sol, ao se levantar, será
Escurecido, e passarão as Águas do dilúvio de Noé
Sobre a Terra, que duraram cem dias
E cinquenta, antes que todas essas Águas se fossem;
Assim também as nossas Águas, como os sábios entenderam,
Passarão, para que possas dizer com Davi:
Abierunt in sicco flumina; guarda isto.

85-91 Logo depois Noé plantou a sua Vinha,
Que de fato floresceu e logo deu Uvas:
Passado esse tempo, não terás medo;
Pois do mesmo modo virá o florescer da nossa Pedra:
E logo que se passarem trinta dias,
Terás Uvas vermelhas como o Rubi,
Que são o nosso Adrop, o nosso Ulyfer vermelho e o nosso Chumbo.

92-98 Pois assim como as Almas, depois das penas passageiras,
São levadas ao paraíso, onde a vida é sempre alegre;
Assim a nossa Pedra, depois da sua escuridão no Purgatório,
Será purgada e unida nos Elementos, sem briga,

Alegrando-se com a brancura e a beleza da sua mulher:
E passará da escuridão do Purgatório à luz
Do paraíso, na Brancura, Elixir de grande poder.

99-105 E para que possas mais depressa chegar à Putrefação,
Toma para ti este Exemplo como conclusão verdadeira,
Pois todo o segredo da Putrefação está nele:
O cerne do Carvalho que fica sempre molhado de Água
Não apodrece depressa, digo-te sem engano:
Pois ainda que fique na Água cem anos e mais,
Ainda assim o acharias são como era antes.

106-112 Mas se o guardares às vezes molhado e às vezes seco,
Como podes ver na Madeira pela experiência comum,
Com o passar do tempo esse Carvalho apodrecerá de todo:
E assim também, conforme a nossa intenção,
Às vezes a nossa Árvore deve ser queimada pelo Sol:
E depois, logo em seguida, devemos esfriá-la com Água,
Para que por este meio a leves bem ao apodrecimento.

113-119 Pois estar ora no úmido e ora de novo no seco,
Ora em grande calor e ora de novo no frio,
Fará que ela logo apodreça:
E assim levarás o teu Ouro ao apodrecimento;
Trata, portanto, os teus Corpos como te disse:
E na tua Putrefação não sejas tão apressado com o calor,
Para não teres de procurar nas Cinzas a tua fortuna.

120-126 Por conseguinte tira a tua Água da Terra,
E faze com ela a alma subir;
Depois lança-a de novo para baixo, na Terra,
Para que assim muitas vezes subam e desçam;
Do calor violento e do frio repentino defende
O teu Vidro, e faze o teu fogo tão moderado
Que pelos lados a tua Água nunca se vitrifique.

127-133 E sê sábio ao escolher a tua Água;
Não te metas com Sal, Enxofre nem Mineral comum,
Diga o que disser qualquer um sobre alguma Água;
O nosso Enxofre e o nosso Mercúrio estão só no Metal,
Aos quais alguns chamam Óleos e Águas,
Aves e Pássaros e muitos outros nomes,
Para que os tolos nunca conheçam a nossa Pedra.

134-140 Pois a nossa Pedra é chamada a semente deste Mundo,
A qual, movida com arte como a Natureza requer,
No seu aumento será muito opulenta,
E multiplicará a sua espécie conforme o teu desejo:
Portanto, se Deus se dignar inspirar-te
A conhecer a verdade e a evitar as fantasias,
Poucos te serão iguais em riqueza.

141-147 Mas muitos se movem a trabalhar segundo a sua fantasia
Em muitas matérias em que há Tinturas vistosas,
Tanto Brancas como Vermelhas, separadas com as mãos
Para a vista, mas que no Fogo fogem;

Esses quebram Potes e Vidros dia após dia:
Envenenando-se a si mesmos e perdendo a vista
Com Odores e fumaças e velando de noite.

148-154 As suas Roupas estão sujas e gastas até o fio,
Pode-se cheirá-los como Multiplicadores por onde vão;
Não poupam os dedos de se sujarem com Corrosivos,
Os seus Olhos estão remelentos e as Faces magras e lívidas:
E assim, por um "se eu soubesse", sofrem perda e desgraça;
Esses, quando perderam o que estava na bolsa,
Então ralham e amaldiçoam duramente os Filósofos.

155-161 Pois por todo o tempo em que foram Filósofos,
Nunca conseguiram conhecer a nossa Pedra.
Uns a buscaram na Fuligem, no Esterco, na Urina, outros no Vinho;
Outros na geleia das Estrelas, pois a coisa é uma só;
No Sangue, nos Ovos; alguns até a sua fortuna acabar:
Dividindo Elementos e quebrando muitos potes,
Multiplicando os cacos, mas ainda assim não acertaram.

162-168 Ver as suas Casas é um belo divertimento:
Que Fornalhas, que Vidros ali há, de formas variadas;
Que Sais, que Pós, que Óleos e águas fortes;
Com que eloquência tagarelam de materia prima,
E no entanto não têm a sorte de achar a verdade:
Metem-se com o nosso Mercúrio e o nosso Enxofre vivo,
No que deliram, e cada vez mais se arruínam.

169-175 Falam do Homem Vermelho e da sua Mulher branca,
Que é uma coisa especial, e dos dois Elixires,
Da Quintessência e dos Elixires da vida,
Do Mel, da Celidônia e também das Secundinas;
Estas coisas dividem em Elementos, com muitas outras;
Não querem ser chamados Multiplicadores, mas Filósofos,
Eles que nunca leram nem viram a Filosofia natural.

176-182 Esta confraria conhece muito bem a nossa Pedra,
Julgam-se mais ricos do que o Rei;
Querem ajudá-lo, e ele não deixará
De conquistar a França, coisa admirável;
A santa Cruz eles a trarão para casa:
E se o Rei fosse feito prisioneiro, digo eu,
Logo pagariam o seu Resgate.

183-189 É de admirar que a Igreja de Westminster,
Que esses Filósofos frequentam,
Já que eles podem produzir tanta riqueza
Quanto alardeiam e se gabam,
Bebendo vinho todo dia em boa medida,
Não esteja de uma vez terminada por completo,
Pois na verdade ainda lhe faltam muitas Pedras.

190-196 Os tolos os seguem atrás do rabo,
Pensando ser elevados à riqueza;
Mas quereis ouvir que honra e proveito
Eles ganham em Londres, aquela nobre cidade?

Com Maças de Prata, como podeis ver:
Os Oficiais de justiça esperando por eles a toda hora,
Tão homens de grande honra eles são.

197-203 Os Oficiais os procuram de Rua em Rua,
Mercadores e Ourives os vigiam;
Feliz quem dá com eles,
Pelo grande proveito que alcançam;
Caçam em volta como um Cão de faro:
Pensando ganhar um tesouro tão grande
Que fiquem para sempre na riqueza.

204-210 Uns queriam recuperar os seus bens,
E outros arriscariam ainda mais;
Outros ficariam bem contentes de reaver
Uma libra de cada Dez, eu vos garanto:
Alguns, que emprestaram sem medida
Os seus bens e estão afundados na pobreza,
Ficariam muito felizes de pegar um Nobre de ouro.

211-217 Mas quando os Oficiais os prendem,
As suas Bolsas estão cheias de bolinhas de Paris;
Ou pelo menos de Sinetes de São Martinho, de lata;
Mas quanto ao Dinheiro, foi mijado nas paredes:
Então são levados, como bem lhes convém,
Para Newgate ou Ludgate, como vos digo,
Para que fiquem bem guardados.

218-224 Onde foi parar o meu Dinheiro?, diz um,
E onde está o meu?, diz ele, e mais outro?
Mas quereis ouvir logo como são astutos
Ao responder, para se desculparem,
Dizendo: Fomos roubados dos nossos Elixires;
Senão poderíamos ter pagado todo o vosso Ouro,
Ainda que fosse dez vezes mais.

225-231 E então começam a lisonjear os seus Credores,
Prometendo trabalhar de novo para eles
Os dois Elixires, em pouco tempo,
Enganando os Mercadores de modo que estes consentem
Em deixá-los ir, mas sempre em vão:
Trabalham tanto tempo, que por fim
São de novo lançados na Prisão.

232-238 Se alguém então lhes pergunta por que não são ricos,
Dizem que fazem Ouro fino de Estanho;
Mas só pode nadar seguro no fosso, dizem,
Quem é seguro pelo queixo:
Não temos capital, por isso nada podemos ganhar;
Se o tivéssemos, faríamos algum,
Eu mesmo, para acabar a Igreja de Westminster.

239-245 E alguns deles são tão Devotos
Que não querem morar fora daquele lugar;
Pois ali podem, sem dúvida,
Fazer o que lhes agrada, para o seu Consolo;

O Arquidiácono é tão cheio de graça:
Se eles o agradam com a Cruz de prata,
Pouco se importa com a perda dos outros.

246-252 E quando se sentam ali a beber vinho,
Estes Monges, dizem, têm muitas libras;
Quisera Deus, diz um, que algumas fossem minhas;
Ei, oh, fora as tristezas, que o copo corra a roda:
Bebe, diz outro, o meio foi achado:
Eu sou um Mestre nessa Arte,
Garanto-vos que teremos a nossa parte.

253-259 Esses levam então os Monges a fazer o mal,
A desperdiçar os seus Salários na sua tolice;
Um traz uma Taça, outro uma Colher;
Ali os Filósofos lhes dão tanta coragem,
Prometendo-lhes lucro sem prejuízo:
Uma libra por um pêni, pelo menos, de volta,
E assim as belas promessas alegram os tolos.

260-266 Uma Medicina real, que transforma doze vezes o seu peso,
Prometem que terão dela,
Coisa que nunca conseguiram, para si mesmos,
Levar a cabo, assim Deus me salve:
Cuidado com tais Filósofos, sem difamar ninguém,
Que ajudam estes Monges a ficar tão ricos
Que andam com Capuzes gastos até o fio.

267-273 O Abade bem deveria estimar esta Companhia,
Pois sabem ensinar os seus Monges a viver na pobreza,
E a andar vestidos e com dinheiro como religiosos,
Como fez São Bento, evitando o supérfluo,
Aliviando-os também do peso
Das suas bolsas, tão carregadas de libras,
Que pela Filosofia agora ficaram leves.

274-280 Vede: quem se mete com esta rica Companhia
Pode fazer grande alarde do seu ganho,
Pois terá tanto pela Filosofia deles
Quanto se pode tirar do rabo de um Macaco;
Cuidado, portanto, pelo amor de Jesus:
E não te metas com nada de grande custo,
Pois se o fizeres, estará perdido.

281-287 Estes Filósofos, de quem falei antes,
Metem-se e atrapalham-se com muitas coisas,
Renovando-se nos erros cada vez mais,
Por falta de verdadeiro entendimento;
Mas o semelhante deve sempre produzir o semelhante:
Assim Deus ordenou em cada espécie;
Quisera Jesus que guardassem isto na mente.

288-294 Pensam tirar de uma Urtiga uma Rosa,
Ou de um Sabugueiro uma Maçã doce;
Ai, que os sábios percam os seus bens
Confiando em tais Patifes quando os encontram,

Que dizem que a nossa Pedra é pisada sob os pés:
E por isso os fazem destilar coisas vis,
Até encherem as suas casas de fedor.

295-301 Alguns deles nunca aprenderam uma palavra nas Escolas,
E esses pensam entender a Filosofia pela razão:
São eles Filósofos? Não, são tolos:
Por isso as suas Obras se mostram sem juízo;
Não te metas com eles, se queres ser feliz:
Para que com as suas lisonjas não te atraiam
A ponto de concordares com a vontade deles.

302-308 Não gastes o teu Dinheiro à toa,
Não dês crédito a toda conversa;
Mas primeiro examina, apalpa e prova;
E conforme provares, assim põe a tua confiança,
E cuida sempre de não fazer grandes despesas:
Mas se o teu Filósofo vive com virtude,
Confia mais na sua Filosofia.

309-315 Põe-no à prova primeiro e interroga-o
Sobre todos os Segredos da nossa Pedra;
E se ele não os souber, não precisas perder nada;
Não vás adiante, mas deixa-o ir,
Por mais que faça uma queixa digna de pena:
Pois então a Raposa sabe adular e fingir,
Quando mais deseja alcançar a sua presa.

316-322 Se ele souber responder como deve um Clérigo,
Ainda que não o tenha provado de fato;
E se quiseres ajudá-lo na sua Obra,
Se for virtuoso, julgo que é merecido,
Pois ele te pagará, se algum dia tiver sucesso:
E em pouco tempo saberás
Se ele tem conhecimento da nossa Pedra.

323-329 Uma coisa, um Vidro, uma Fornalha e nada mais:
Vê se ele aceita este princípio,
E se não aceitar, então deixa-o ir;
Pois ele nunca fará de ti um homem rico:
Na verdade é melhor que o abandones
Do que depois, com perda e discórdia,
E outras espécies de desgosto.

330-336 Mas se Deus te der a sorte de ter
Esta Ciência pela doutrina que eu te disse,
Não a reveles a quem quer que te peça,
Por Favor, Medo, Prata ou Ouro:
Não sejas Opressor, Luxurioso nem fanfarrão atrevido;
Serve o teu Deus e ajuda os pobres,
Se queres que esta vida continue por muito tempo.

337-343 Guarda para ti os teus segredos,
Longe dos pecadores que não temem a Deus;
Pois eles te lançarão no fundo da Prisão
Até que lhes ensines a fazê-lo de fato;

Então nasceria e se espalharia uma calúnia contra ti:
Diriam então que fabricaste moeda falsa,
E assim te arruinariam para todo o sempre.

344-350 E se lhes ensinares esta arte
Para que mantenham a sua vida de pecado,
Por isso a tua morada poderia ser no Inferno,
Pois Deus então te desprezaria,
E nada poderias dizer em tua defesa:
Para que possas salvar o Corpo e a Alma,
E ter aqui em paz a tua vida.

351-357 Agora neste Capítulo eu te ensinei
Como deves Putrefazer os corpos:
E também a te conduzir para não seres apanhado
E posto em prisão, perda e vergonha:
Lembra-te, portanto, com juízo, da minha doutrina,
E segue adiante rumo à Sexta Porta,
Pois esta, a Quinta, foi vencida.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A SEXTA PORTA: DA CONGELAÇÃO

✦

1-7 Da Congelação não preciso escrever muito,
Mas primeiro vou declarar o que ela é:
É o endurecimento das coisas moles, de cor Branca,
E a fixação dos Espíritos que são voláteis:
Com o modo de congelar não precisas te preocupar muito,
Pois os Elementos logo se unirão,
Desde que a Putrefação seja feita naturalmente.

8-14 Mas as Congelações se fazem de diversos modos:
Espíritos e Corpos dissolvidos em água clara,
E também Sais dissolvidos uma ou duas vezes,
E depois congelados numa Matéria fundível;
Desse tipo de Congelação os tolos tagarelam:
E alguns dissolvem, dividindo com as mãos
Os Elementos, e depois os congelam em pó seco.

15-21 Mas essa Congelação não é a que desejamos:
Pois é contrária à nossa.
A nossa Congelação não teme o fogo:
Pois nele deve permanecer sempre untuosa,
E também ser muito generosa na sua Tintura,
E, congelada, não se desfará no Ar
Em Água, pois então a nossa Obra estaria perdida.

22-28 Ademais, não congeles numa Pedra tão dura
Como o Vidro ou o Cristal, que se derretem por fusão;
Mas de modo que logo se derreta como cera,
Sem sopro de fole: e cuidado com o Engano;
Pois não pertence à nossa Conclusão a Congelação
Que não queira fluir e correr de novo em água,
Como os Sais congelados; então trabalhas em vão.

29-35 Essa Congelação não nos serve de nada,
É própria dos Multiplicadores, que congelam à maneira comum;
Se queres, portanto, fazer bem,
(Já que a tua Medicina nunca fluirá naturalmente,
Nem congelará, se primeiro não a Putrefizeres)
Primeiro Purga e Fixa os Elementos da nossa Pedra,
Até que juntos Congelem e logo fluam.

36-42 Pois quando a Matéria estiver perfeitamente Branca,
Então o teu Espírito ficará Congelado com o Corpo;
Mas para esse tempo deves ter longa espera,
Antes que te apareça Congelada como Pérolas;
Ficarás contente de ver tal Congelação;
E depois como grãos vermelhos como sangue,
Mais ricos que qualquer bem do mundo.

43-49 A grosseria terrena, portanto, primeiro mortificada
Na Umidade, gera a Negrura;
Este princípio não pode ser negado,
Pois assim dizem os Filósofos naturais, sei bem;

E tendo-a, não poderás deixar de ter a Brancura:
E se uma vez a Congelares em Brancura,
Tens a Pedra mais preciosa de todas as Pedras.

50-56 E assim como pelo Seco o Úmido putrefez,
O que fez aparecer a Negrura entre as cores,
Assim também o Úmido, Congelado pelo Seco,
Gera a Brancura, que brilha com força e muito clara,
E a Secura avança à medida que a matéria embranquece:
Como no Enegrecimento a Umidade se mostra
Por cores variadas, sempre novas.

57-63 A causa de tudo isto é o Calor mais moderado,
Trabalhando e movendo a Matéria continuamente;
E por ele também a Matéria é alterada,
Tanto por dentro como por fora, na substância,
E não só na aparência, como fazem os tolos com sofismas:
Mas cada parte capaz de aguentar todo fogo,
Fluindo e fixa, e estável na tintura.

64-70 E a Medicina trata de cada Digestão:
A primeira feita no Estômago, onde há Secura,
Causando Brancura, sem dúvida nenhuma,
Assim como a segunda Digestão causa Vermelhidão,
Completada no Fígado pelo Calor e pela moderação;
E assim a nossa Pedra, pela Secura e pelo Calor,
É digerida até o Branco e o Vermelho completos.

71-77 Mas aqui deves saber outro segredo:
Como o Filho dos Filósofos nasce no Ar.
Não te apresses demais a soprar o Carvão,
E não tomes isso por brincadeira nem por desdém,
Mas confia em mim de verdade, senão a tua obra está toda perdida:
Se a tua Terra não for revivida com Água,
Nunca verás a nossa verdadeira Congelação.

78-84 Uma alma que está entre o Céu e a Terra,
Subindo da Terra como Ar com Água pura,
E causando vida em toda coisa viva,
Correndo sem parar sobre a nossa dita Natureza,
Esforçando-se por melhorá-las com todo o seu cuidado;
Esse Ar é o Fogo da nossa Filosofia,
Chamado misteriosamente ora Óleo, ora Água.

85-91 E este Ar médio, que chamamos Óleo ou Água,
O nosso Fogo, o nosso Unguento, o nosso Espírito e a nossa Pedra,
Nessa única coisa fundamos toda a nossa sabedoria,
Não sai nem entra sozinho,
Nem o Fogo, mas logo a Água;
Primeiro ela o leva para fora, e depois o traz para dentro,
Como Água com Água, que não se separam facilmente.

92-98 E assim só a Água pode mover a nossa Água,
E esse movimento causa a Morte e a Vida,
E a Água se une naturalmente à Água,
Sem repugnância nem briga nenhuma,

E essa Água não é nada comum para os Tolos;
Sendo, sem dúvida, da mesma natureza
Do Espírito, chamado Água, e que conduz para fora.

99-105 E a Água é o segredo e a vida de toda coisa
Que tem substância e se encontra neste mundo;
Pois da Água cada coisa tem o seu começo,
Como se vê na Mulher quando vai dar à luz,
Pela água que sai antes, se tudo vai bem,
Chamada Albien, que corre primeiro delas,
Com dores graves, antes do parto.

106-112 E na verdade essa é a causa principal
Por que os Filósofos nos mandaram ter paciência
Até que a Água estivesse toda seca em pó,
Com calor nutritivo contínuo, mas não violento,
Pois as qualidades de cada elemento são contrárias,
Até que depois do Negro se faça no Branco uma união,
E então fique congelada para sempre, sem divisão.

113-119 E além disso, a preparação desta conversão
De coisa em coisa, de um estado para outro,
Faz-se só pela operação natural e discreta
Da Natureza, como a do Esperma dentro da Mãe:
Pois o Esperma e o Calor são como Irmã e Irmão,
Que se convertem dentro de si mesmos, como a Natureza sabe,
Por ação e paixão, e por fim em Homem perfeito.

120-126 Pois a parte corporal que pela Natureza se completa
Em Homem é tal qual era o seu começo,
E ainda que assim tenha sido alterada de coisa em coisa,
Não saiu da sua espécie para se misturar com outras espécies;
E assim a nossa Matéria espermática, dentro de um só Vidro,
Dentro de si mesma deve passar de coisa em coisa,
Nutrida só por um calor muito moderado.

127-133 Outro exemplo natural posso te dizer:
Como a substância de um Ovo é transformada pela natureza
Num Pintinho, sem sair da casca;
Exemplo mais claro eu não poderia ter pensado:
E ali se fazem as conversões até que se produza,
De estado em estado, o semelhante pelo semelhante na espécie,
Com calor nutritivo: guarda só isto na mente.

134-140 Outro exemplo também podes ler aqui,
Considerando as coisas Vegetais:
Como cada Planta cresce da sua própria semente,
Pelo Calor e pela Umidade, por operação natural;
E assim os Minerais são nutridos pela ministração
Da Umidade radical, que foi o seu começo,
Sem saírem da sua espécie, dentro de um só Vidro.

141-147 Ali os fazemos passar de novo de coisa em coisa,
Quando voltam à sua Mãe, a Água;
E sem conhecer este princípio trabalhas em vão:
Então tudo é Esperma, e não há mais coisas

Senão espécie com espécie, em número de dois;
Macho e Fêmea, Agente e Paciente,
Dentro da matriz da Terra mais oriental.

148-154 E estes são transformados pelo Calor de coisa em coisa
Dentro de um só Vidro, e assim de estado em estado,
Até que a Natureza os leve
A uma só substância da Água regenerada,
E assim o Esperma é alterado dentro da sua espécie,
Capaz de multiplicar à semelhança a sua espécie,
Como fazem na sua espécie todas as outras coisas naturalmente.

155-161 No tempo deste dito processo natural,
Enquanto o Esperma concebido vai crescendo,
A substância é nutrida com o seu próprio Mênstruo,
Que só a Água tirou da Terra,
E cuja cor é Verde quando aparece primeiro;
E durante esse tempo o Sol esconde a sua luz,
Fazendo o seu curso pelo Norte, de noite.

162-168 O dito Mênstruo é (digo-te em segredo)
O sangue do nosso Leão Verde, e não do Vitríolo;
A senhora Vênus pode te dizer a verdade disto,
Se no começo a chamares para te aconselhar:
Este segredo é escondido pelos Filósofos grandes e pequenos;
Esse sangue tirado do dito Leão,
Por falta de Calor, não teve Digestão perfeita.

169-175 Mas este sangue, o nosso Mênstruo secreto,
Com o qual o nosso Esperma é nutrido com moderação,
Quando é transformado nas fezes Corporais,
E se torna perfeitamente Branco e muito Seco,
Congelado e Fixado no seu próprio corpo;
Então pode bem parecer à vista sangue queimado;
Nesta obra é chamado o Diadema branco como leite.

176-182 Entende agora que a nossa Água ígnea, assim aguçada,
É chamada a nossa água Menstrual, na qual
A nossa Terra é solta e naturalmente Calcinada
Pela Congelação, para que nunca se separem:
Mas não deixes de congelar ainda mais água
Em três partes da dita água aguçada,
Com a 4ª parte da Terra congelada, e não mais.

183-189 A essa substância assim congelada,
Põe portanto a quarta parte de água Cristalina,
E faze-as então desposar-se juntas
Pela Congelação num mineral metálico,
Que então brilhará como uma espada recém-polida;
Depois da Negrura, que aparecerá primeiro,
Dá-lhes a quarta parte de água nova.

190-196 Ainda precisamos de muitas outras Embebições;
Dá-lhe a segunda, e depois também a terceira,
E guarda bem no juízo a dita proporção;
Depois cuida de passar a outra, pela quarta vez,

A quinta vez e a sexta; não te desvies disto:
Mas põe a cada vez duas partes delas três,
E na sétima vez que sejam cinco partes.

197-203 Quando tiveres feito assim sete vezes a Embebição,
Então deves girar de novo a tua Roda,
E Putrefazer toda aquela Matéria sem acréscimo:
Esperando primeiro a Negrura, se queres fazer bem,
Depois congela-a toda em Brancura,
E pela Vermelhidão sobe para o Sul;
Então terás levado a tua Base a termo.

204-210 Assim a tua Água fica então dividida em duas partes:
Com a primeira parte os Corpos são Putrefeitos,
E a segunda parte deve ir para as tuas Embebições,
Com a qual a Matéria é depois enegrecida,
E logo em seguida, por cozimento brando, embranquecida:
Então é chamada pelos Filósofos a nossa Pedra Estrelada;
Leva-a à Vermelhidão, e então a sexta Porta estará vencida.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A SÉTIMA PORTA: DA CIBAÇÃO

✦

1-7 Agora volto a minha pena a escrever sobre a Cibação,
Já que ela deve ocupar aqui o sétimo lugar;
Mas em poucas palavras será despachada;
Presta atenção e entende-me com juízo:
A Cibação se chama a alimentação da nossa Matéria seca
Com Leite e Comida, que lhe damos com moderação,
Até que seja levada à terceira ordem.

8-14 Mas não lhe dês tanto que fique empanturrada;
Cuidado com a Hidropisia e também com o Dilúvio de Noé;
Por isso põe-lhe pouco a pouco
A Comida e a Bebida que pareçam fazer-lhe bem,
Para que os humores aguados não dominem o sangue:
A Bebida, por conseguinte, que seja tão medida
Que nunca lhe apagues o apetite natural.

15-21 Pois se beber demais, então terá de ter
Um Vômito, senão ficará doente por muito tempo;
Guarda, por conseguinte, o seu Ventre da Hidropisia,
E do Fluxo, senão as coisas irão mal;
Antes deixa-a às vezes ter sede de bebida
Do que lhe dar demais de uma vez,
Pois na juventude deve ser posta de dieta para isso.

22-28 E se lhe deres dieta (como a Natureza requer)
Com moderação, até que chegue à idade,
Guardando-a do Frio e nutrindo-a com Fogo úmido,
Então crescerá e ficará cheia de coragem,
E te dará prazer e vantagem:
Pois ela tornará sãos e brilhantes os Corpos escuros,
Limpando-lhes a Lepra com a sua força.

29-35 Três vezes assim deves girar a tua Roda,
Guardando em volta a regra da dita Cibação,
E então, assim que ela sentir o Fogo,
Estará pronta como Cera para a Liquefação;
Este Capítulo não precisa de explicação mais longa:
Pois te disse a dieta mais conveniente,
Depois que os teus Elementos forem igualados.

36-42 E também como levarás o teu Ouro à Brancura,
Muito semelhante na figura às folhas do espinheiro-alvar,
Chamado antes Magnésia, como te disse;
E o nosso Enxofre Branco, sem combustibilidade,
Que nunca fugirá do fogo:
E assim a sétima Porta, como desejavas,
Está conquistada ao nascer do Sol.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A OITAVA PORTA: DA SUBLIMAÇÃO

✦

1-7 Aqui da nossa Sublimação uma ou duas palavras
Tenho de dizer, a qual é a oitava Porta.
Os tolos sublimam, mas tu não sublimes assim,
Pois nós não sublimamos como eles, sei bem;
Para sublimar de verdade, portanto, não falharás
Se souberes primeiro tornar espirituais os teus Corpos,
E depois corporais os teus Espíritos, como te ensinei.

8-14 Alguns sublimam o Mercúrio do Vitríolo e do Sal,
E outros espíritos das Escamas de Ferro ou de Aço,
Das cascas de Ovo calcinadas e da cal viva,
E à sua maneira sublimam muito bem;
Mas essa Sublimação nunca concorda nem um pouco
Com a nossa intenção, pois nós não sublimamos assim;
Vou agora, portanto, à verdadeira Sublimação.

15-21 Na Sublimação, primeiro cuida de uma coisa:
Que não sublimes até o alto do teu Vaso,
Pois sem violência não a farás descer
De novo, mas ali ela ficará e morará;
Tanto ela se alegra com o resfriamento, digo-te:
Por isso guarda-a embaixo com calor moderado
Durante quarenta dias inteiros, até que fique negra por cima.

22-28 Pois então a Alma começa a sair
Das suas próprias veias; pois tudo o que é sutil
Subirá com os Espíritos, sem dúvida:
Guarda, portanto, na mente e pensa nisto:
Como aqui os teus Corpos estão eclipsados,
À medida que Putrefazem, sublimando cada vez mais,
Para dentro da Água, até que todos sejam levados para cima.

29-35 E assim, quando tiverem lançado fora o seu veneno
Na água, então ela aparece Negra,
E se torna toda espiritual, sem dúvida,
Sublimando com facilidade, à nossa maneira,
Para dentro da água que o carrega:
Pois no Ar deve assim nascer um Filho
Da Água, de novo, como eu disse antes.

36-42 Mas quando estes forem trabalhados assim
Na Sublimação contínua, com calor úmido e moderado,
Até que tudo seja Branco e feito puramente espiritual,
Então o Céu deve ser repetido sobre a Terra,
Até que a Alma seja reincorporada ao Corpo:
Que a Terra se torne tudo o que antes era Céu,
O que se fará em sete Sublimações.

43-49 E fazemos a Sublimação por três causas:
A primeira causa é tornar o Corpo Espiritual;
A segunda, que o Espírito possa ser Corporal,
E se torne fixo e substancial com ele:

A terceira causa é que da sua imundície original
Ele possa ser limpo, e a sua gordura sulfurosa,
Que é infecciosa, seja diminuída nele.

50-56 Então, quando estiverem assim purificados juntos,
Sublimarão mais brancos que a Neve;
Essa visão te consolará muito;
Pois então logo saberás perfeitamente
Que os teus Espíritos serão assim lançados para baixo,
Que esta Porta te será aberta;
Desta Porta muitos ficam trancados do lado de fora, e zombados.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A NONA PORTA: DA FERMENTAÇÃO

✦

1-7 A verdadeira Fermentação poucos Trabalhadores entendem;
Esse segredo, portanto, vou te expor.
Viajei de verdade por muitas Terras
Antes de achar alguém que me soubesse dizê-lo;
Mas, como Deus quis (seja ele para sempre bendito),
Por fim cheguei ao seu perfeito conhecimento;
Presta atenção, portanto, ao que escrevo dele.

8-14 A Fermentação se faz de diversos modos,
Pelos quais as nossas Medicinas devem ser perpetuadas:
Alguns soltam o Sol e a Lua numa Água clara,
E com as suas Medicinas os fazem Congelar;
E esses, na hora em que são postos à prova no Fogo,
Não podem permanecer nem alterar-se com perfeição,
Pois tais Fermentos não servem à nossa intenção.

15-21 Mas outros fazem de modo mais natural,
Fermentando as suas Medicinas desta maneira:
Dissolvendo no Mercúrio tanto o Sol como a Lua,
Até que subam com os Espíritos,
Sublimando-os juntos duas ou três vezes:
Depois fazem com eles a Fermentação;
É um caminho, mas nós o deixamos.

22-28 Há outros que têm mais sorte
Em tocar a verdade em parte do Fermentar;
Amalgamam os seus Corpos com o Mercúrio como papa;
Depois, sobre isso, derretem as suas Medicinas;
Estes têm alguma noção dos nossos Segredos:
Mas não a verdade com perfeição,
Porque nem Putrefazem nem alteram o seu Fermento.

29-35 Esse ponto, portanto, vou te revelar:
Vê como fizeste com o teu Corpo imperfeito,
E faze o mesmo, em cada grau, com os teus Corpos perfeitos;
Isto é, primeiro Putrefá-los,
Destruindo de todo as suas qualidades primárias:
Pois isto é inteiramente segundo a nossa intenção:
Que primeiro alteres antes de Fermentar.

36-42 Ao teu Composto faze o Fermento ser a quarta parte,
E esses Fermentos são só do Sol e da Lua;
Se és, portanto, Mestre nesta Arte,
Que a tua Fermentação seja feita assim:
Fixa logo juntas a Água e a Terra:
E quando a Medicina fluir como cera,
Então cuida de lançá-la sobre os Amálgamas.

43-49 E quando tudo isso estiver misturado,
Sobre o teu Vidro bem fechado faze o teu fogo,
E continua-o assim até que tudo esteja fixo,
E bem Fermentado, como desejas;

Então faze a Projeção à tua vontade:
Pois então a Medicina é perfeita em tudo;
Assim deves Fermentar tanto o Vermelho como o Branco.

50-56 Pois assim como a farinha de Trigo feita em Massa
Requer o Fermento, a que chamamos Levedo
Do Pão, para que tenha o sabor natural
E se torne Alimento muito confortante para o Homem e a Mulher;
Assim também deverás Fermentar a tua Medicina,
Para que tenha o sabor do Fermento puro
E aguente para sempre todas as provas.

57-63 E entende que há três Fermentos:
Dois são de Corpos limpos na sua natureza,
Que devem ser alterados como te disse;
O terceiro, o mais secreto, de que falo,
É a primeira Terra, para a sua própria Água verde:
E por isso, quando o Leão tiver sede,
Faze-o beber até lhe arrebentar a Barriga.

64-70 Se sobre isto eu levantasse uma Questão
E perguntasse aos Trabalhadores que coisa é esta,
Logo com isso os poria à prova,
Para ver se têm conhecimento do nosso Fermentar;
Pois muita gente fala com admiração
De Robin Hood e do seu Arco,
E nunca atirou com ele, eu creio.

71-77 Mas a verdadeira Fermentação, como te digo,
É a incorporação da Alma com os Corpos,
Devolvendo-lhes o cheiro natural,
Com o sabor e a cor, pela conspiração natural
Das coisas separadas, uma devida reintegração:
Pela qual o Corpo recebe a impressão do Espírito,
Para que um ajude o outro a ter entrada.

78-84 Pois assim como os Corpos, na sua compactação corporal,
Não podem mostrar de modo eficaz as suas qualidades
Até que se tornem espirituais,
Também os Espíritos não podem permanecer firmes com os Corpos
Se não forem primeiro fixados com eles na proporção:
Pois então o Corpo ensina o Espírito a suportar o Fogo,
E o Espírito ensina o Corpo a aguentar, como desejas.

85-91 Por isso deves Fermentar o teu Ouro com Ouro,
A tua Terra limpa com a sua própria Água, digo eu,
Que não é outra coisa senão Elemento com Elemento;
Só os Espíritos da Vida passando entre eles;
Pois assim como o Ímã, como já viste,
Atrai para si o Ferro, assim a nossa Terra por natureza
Atrai para baixo a sua Alma, levada para cima pelo Vento.

92-98 Com juízo, portanto, leva a tua Alma para fora e para dentro,
Mistura Ouro com Ouro, isto é,
Faze os Elementos correrem juntos com os Elementos
Até que possam suportar todo Fogo;

Pois a Terra é Fermento, sem dúvida nenhuma,
Para a Água, e a Água para a Terra;
A nossa Fermentação deve ser feita deste modo.

99-105 A Terra é Ouro, e assim é também a Alma,
Não o Comum, mas o Nosso, assim elementado;
E ainda assim o Sol deve ir até ele,
Para que pela nossa Roda possa ser alterado,
Pois assim deve ser preparado para Fermentar:
Para que possa ser unido profundamente
Com as outras naturezas, como te disse.

106-112 E tudo o que aqui disse do Ouro,
Quero que entendas o mesmo da Prata:
Que os Putrefaças e alteres como te disse
Antes de pores mãos a Fermentar a tua Medicina;
Na verdade nunca achei na Inglaterra ninguém
Que me soubesse ensinar a Fermentar deste modo
Sem erro, pela prática ou pela palavra.

113-119 Agora não preciso tratar mais deste Capítulo,
Já que pretendo evitar a prolixidade;
Lembra-te bem, portanto, das minhas palavras,
Que comprovarás pela prática verdadeira,
E cuida de renovar o Sol e a Lua:
Para que participem da quinta natureza;
Então as suas Tinturas durarão para sempre.

120-126 E há ainda um caminho excelentíssimo,
Que pertence a outro modo de trabalhar:
Fazemos uma Água muito perfumada,
Com a qual levamos todos os Corpos a Óleo,
E com ela fazemos a nossa Medicina fluir:
A esta Água chamamos Quintessência
No homem, a qual cura todas as Doenças.

127-133 Mas isto deve ser feito com a tua Base preparada
Segundo a minha Doutrina, que é a nossa Cal;
Pois quando os nossos Corpos estão assim Calcinados,
Essa Água logo os dissolve em Óleo;
Faze, por conseguinte, Óleo do Sol e da Lua,
Que é um Fermento de cheiro muito suave,
E assim a 9ª Porta deste Castelo está conquistada.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A DÉCIMA PORTA: DA EXALTAÇÃO

✦

1-7 Passemos agora ao Capítulo da Exaltação,
Do qual deves na verdade ter conhecimento puro;
Ela é muito pouco diferente da Sublimação,
Se a entenderes direito, eu te garanto:
Com isto concorda a santa Escritura,
Pois Cristo diz assim: Se eu for exaltado,
Então atrairei todas as coisas a mim.

8-14 Se exaltarmos assim a nossa Medicina,
Ela será com isso Enobrecida;
Isso deve ser feito de duas maneiras:
Desde o tempo em que as partes são desposadas,
Que devem ser Crucificadas e postas à prova:
E então sepultados juntos o Homem e a Mulher,
E depois revividos pelos Espíritos da Vida.

15-21 Depois devem ser Exaltados até o Céu,
Para ali serem glorificados em Corpo e Alma;
Pois deves levá-los a tal sutileza
Que subam juntos para serem entronizados
Em Nuvens de claridade, em companhia dos Anjos:
Então atrairão, como verás,
Todos os outros Corpos à sua própria dignidade.

22-28 Se queres, portanto, Exaltar os teus Corpos,
Primeiro aumenta-os com os Espíritos da Vida,
Até que a tua Terra esteja bem sutilizada
Pela retificação natural de cada Elemento,
Exaltando-a até o Firmamento:
Então serão muito mais preciosos que o Ouro,
Porque participam da Quintessência.

29-35 Pois quando o Frio vencer o Calor,
Então o Ar será transformado em Água;
E assim dois contrários se encontrarão,
Até que um concorde muito bem com o outro;
Assim a tua Água, como te digo, em Ar,
Quando o Calor tiver dominado o Frio,
Será convertida pela arte da Circulação.

36-42 E do Fogo então terás Ar,
Soltando, Putrefazendo e Sublimando;
E tens o Fogo da Terra material,
Separando assim com arte os teus Elementos,
E principalmente Calcinando bem a Terra:
E quando cada um deles estiver puro,
Então todos participam da quinta natureza.

43-49 Deste modo, por conseguinte, faze-os Circular,
Exaltando cada um no outro, um após o outro,
E sela tudo isto com segurança num só Vidro,
Não com as mãos, mas naturalmente, como te ensino;

Transforma então primeiro, com firmeza, o Fogo em Água;
Pois o Fogo está no Ar, que existe na Água,
E esta Conversão concorda com a nossa intenção.

50-56 Depois, gira ainda a tua Roda,
Para que o teu Ar seja convertido em Terra,
O que também se fará muito bem:
Pois o Ar está na Água, que está na Terra, crê-me;
Depois a Água em Fogo, contrários na sua qualidade:
Logo poderás transformá-la, pois a Água está na Terra,
Que está no Fogo; esta conversão é verdadeira.

57-63 A tua Roda já está quase toda girada:
Transforma a Terra em Ar, que é o ninho próprio
Dos outros Elementos, não há dúvida,
Pois a Terra está no Fogo, que repousa no Ar;
Esta Circulação deves começar no Oeste:
Depois segue para o Sul até que sejam exaltados,
Procedendo devidamente como te ensinei na Figura.

64-70 Neste processo podes ver claramente
Que de um extremo não podes ir a outro
Senão por um meio, já que são contrários na qualidade;
E a razão quer, na verdade, que seja assim,
Como o calor para o frio, e outros contrários mais:
Sem os seus meios, como o úmido entre o calor e o frio;
Já te dei antes exemplos suficientes disto.

71-77 Assim te ensinei como fazer
De todos os teus Elementos uma Circulação perfeita,
E a tomar exemplo na tua Figura
De como farás esta dita Exaltação,
E a verdadeira graduação da tua Medicina nos Elementos,
Até que seja levada a uma quintessência temperada;
E então terás conquistado a Décima Porta.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A DÉCIMA PRIMEIRA PORTA: DA MULTIPLICAÇÃO

✦

1-7 Passo agora a declarar a Multiplicação,
Que os Filósofos definem deste modo:
É de fato o Aumento desse Elixir,
Em bondade e em quantidade, tanto o Branco como o Vermelho;
A Multiplicação, portanto, é, como eles disseram,
Aquilo que Aumenta as Medicinas em todo grau,
Na Cor, no Odor, na Virtude e também na Quantidade.

8-14 E a razão por que podes multiplicar
Infinitamente a tua Medicina é, na verdade, esta:
Porque ela é Fogo que, aceso, nunca morre,
Morando contigo como o Fogo mora nas casas,
Do qual uma faísca pode fazer mais Fogos, sei bem;
Como o almíscar nos Perfumes e outras especiarias mais
Se multiplica em virtude, assim também a nossa Medicina.

15-21 Assim é rico quem tem Fogo, pouco ou muito,
Porque pode Multiplicá-lo tanto;
E do mesmo modo é rico quem tem guardada qualquer parte
Dos nossos Elixires, que podem ser aumentados infinitamente:
Um modo é, se dissolveres os nossos Pós secos
E fizeres deles muitas vezes Congelação;
Então fazes Aumento deles na bondade.

22-28 O segundo modo, tanto na bondade como na quantidade,
Multiplica-a pela Fermentação repetida,
Como naquele Capítulo te mostrei claramente,
Por diversas maneiras de Operação natural,
E também no Capítulo da nossa Cibação:
Onde podes saber como Multiplicarás
Infinitamente a tua Medicina com o Mercúrio.

29-35 Mas se quiseres tanto Soltar como Fermentar,
Será ela maior na quantidade e melhor;
E de tal modo poderás aumentá-la
Que no teu Vidro crescerá como uma Árvore,
Chamada a Árvore de Hermes, bela de ver:
Da qual uma Semente se Multiplicará mil vezes,
Se souberes fazer com juízo a tua Projeção.

36-42 E assim como o Açafrão, quando reduzido a pó,
Se for temperado pouco a pouco num Licor,
E depois diluído com muito mais Licor,
Tinge uma quantidade muito maior de Licor
Do que estando inteiro na sua natureza grosseira, assim verás
Que os nossos Elixires, quanto mais finos forem feitos,
Tanto mais longe correrão de verdade na Tintura.

43-49 Guarda, portanto, o teu Fogo à tarde e de manhã,
Para que não precises correr de casa em casa
Entre os teus Vizinhos, para buscar ou pedir emprestado o teu Fogo;
Quanto mais o guardares, mais bem ganharás,

Multiplicando cada vez mais dentro do teu Vidro:
Alimentando-o com Mercúrio até o fim da tua vida,
Assim terás mais do que precisas gastar.

50-56 Esta matéria é clara; não quero mais
Escrever agora sobre ela; que a Razão te guie;
Nem por isso sejas mais ousado para Pecar,
Mas serve melhor o teu Deus em todo tempo;
E enquanto estiveres nesta vida,
Guarda isto na mente, não o esqueças, peço-te,
Pois terás de comparecer diante do teu Deus no dia do juízo.

57-63 Os seus grandes Dons, portanto, e o seu Tesouro,
Dispõe deles com virtude, ajudando o pobre na necessidade,
Para que neste Mundo possas conseguir para ti
Misericórdia e Graça, com a felicidade Celeste por prêmio;
E reza com devoção a Deus para que ele te conduza,
O melhor que puder, para dentro desta décima primeira Porta;
Logo depois, então, terminarás a tua conquista.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A DÉCIMA SEGUNDA PORTA: DA PROJEÇÃO

✦

1-7 Na Projeção se provará se a nossa prática é proveitosa,
E dela me convém aqui tratar os segredos;
Portanto, para saber se a tua Tintura é segura e não variável,
Assim a provarás com um pouco da tua Medicina:
Com Metal ou com Mercúrio, ela se agarrará como Piche,
E tingirá na Projeção, aguentando todos os Fogos,
E logo entrará e se espalhará bem amplamente.

8-14 Mas muitos, por Ignorância, estragam o que fizeram
Quando fazem a Projeção sobre Metais não purificados,
Pois por causa da corrupção as suas Tinturas se apagam;
Corrupção que eles não quiseram primeiro tirar dos Corpos,
Os quais depois da Projeção ficam quebradiços, lívidos e negros:
Para que a tua Tintura, portanto, dure para sempre,
Cuida de lançar primeiro a tua Medicina sobre o Fermento.

15-21 Então o teu Fermento ficará quebradiço como um vidro;
Sobre Corpos purificados e feitos muito puros
Lança a tua substância quebradiça, e logo verás
Que ficarão coloridos de modo admirável pela Tintura,
Que aguentará para sempre todas as provas:
Mas toma o exemplo dos Salmos do Saltério
Para fazer perfeitamente a Projeção proveitosa.

22-28 Sobre Fundamenta lança primeiro este Salmo, Nunc Dimittis,
Depois sobre Verba mea lança logo Fundamenta;
Depois Verba mea sobre Diligam; entende-me com o teu juízo;
E Diligam sobre Attende, se queres prosperar:
Faze assim três, quatro ou cinco Projeções,
Até que a Tintura da tua Medicina comece a diminuir,
E então é tempo de parar a Projeção.

29-35 Com esta conversa misteriosa não quero dizer outra coisa
Senão que deves lançar primeiro o menos sobre o mais,
Aumentando sempre o Número, como os sábios te dizem;
E guarda este Segredo só para ti,
Sê ávido de saber, não é um fardo pesado:
Pois quem não une os Elixires com Corpos feitos limpos
Não sabe ao certo o que quer dizer Projeção.

36-42 Se multiplicares primeiro dez por dez,
Esse número dará com certeza cem;
Se cem forem depois Multiplicados por cem,
Esse número é dez mil, conta-o com juízo;
Depois multiplica dez mil por outro tanto:
Isso é mil milhares, que se multiplica, sei bem,
Por outro tanto, que é cem milhões.

43-49 Esses cem milhões, sendo multiplicados do mesmo modo
Em dez mil milhões, isto é,
Fazem um número tão grande que não sei o que é;
Multiplica sempre assim o teu número na Projeção:

Agora, Filho, por tua cortesia, reza por mim,
Já que te contei todos os nossos segredos, todos e cada um,
Aos quais peço a Deus que, pela Graça, possas chegar.

50-56 Agora conquistaste as doze Portas,
E tens todo o Castelo à tua vontade;
Guarda os teus Segredos só para ti mesmo;
E cuida de cumprir os mandamentos de Deus:
Continua ainda com o teu vidro no fogo,
E Multiplica as tuas Medicinas cada vez mais,
Pois os sábios dizem que ter guardado não faz mal.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A RECAPITULAÇÃO

✦

1-7 Para levar este Tratado ao seu fim
E concluir aqui brevemente todos estes Segredos,
Olha com diligência e presta atenção à tua Figura,
Que contém em si estes segredos grandes e pequenos,
E se a entenderes tanto na Teoria como na Prática:
Pelas Figuras, pelas Cores e pela Escritura clara,
Entendida com juízo, não poderás trabalhar em vão.

8-14 Considera primeiro a Latitude da tua Pedra Preciosa,
Começando pelo primeiro lado, marcado no Oeste,
Onde o Homem Vermelho e a Mulher Branca se fazem um,
Desposados com os Espíritos da vida para viver em amor e repouso;
A Terra e a Água em proporção igual, é o melhor;
E uma parte da Terra é boa, e três dos Espíritos,
E também doze delas podem ser para quatro da Terra.

15-21 Três da Mulher e uma do Homem deves então tomar,
E quanto menos Espíritos houver neste desposório,
Tanto mais depressa, com certeza, farás a tua Calcinação;
Depois segue para o Norte pelo escurecimento
Do Homem Vermelho e da sua Mulher Branca, chamado Eclipse:
Soltando-os e alterando-os entre o Inverno e a Primavera,
Transformando a Terra em Água, escura e nada clara.

22-28 Dali, por muitas cores, sobe para o Leste;
Ali a Lua aparecerá cheia à luz do dia;
Então ela passou o seu Purgatório e o seu curso chegou ao fim;
Ali está o nascer do Sol, aparecendo branco e brilhante,
Ali está o Verão depois da Primavera, e o dia depois da noite:
Então a Terra e a Água, que eram tão negras, transformam-se em Ar;
Então as nuvens da escuridão são sopradas para longe e tudo aparece belo.

29-35 E assim como o Oeste foi o começo da Prática,
E o Norte o meio perfeito da Alteração profunda,
Assim o Leste, depois deles, é o começo da Especulação;
Mas deste curso, lá no Sul, o Sol faz a Consumação:
Ali os teus Elementos são transformados em Fogo pela Circulação;
Então não precisas duvidar de alcançar o teu desejo,
Pois giraste toda a Roda da nossa Filosofia.

36-42 Mas gira ainda de novo duas vezes a tua Roda,
Na qual estão compreendidos todos os Segredos da nossa Filosofia,
Esclarecidos para ti em 12 Capítulos, se os entenderes bem;
E todos os Segredos, um a um, da nossa Astronomia inferior:
Como Calcinar os teus Corpos, aperfeiçoar, dissolver, dividir e putrefazer,
Com perfeito conhecimento de todos os polos que há no nosso Céu,
Brilhando com cores inexplicáveis, nunca vistas mais belas.

43-49 E este Segredo final sabe-o sem falta:
O nosso Homem Vermelho não tinge enquanto não for tingido;
Por isso, se queres tirar proveito da tua arte,
Esconde a Altitude dos teus Corpos e mostra a sua profundidade,

Destruindo em cada uma das tuas Matérias a primeira qualidade:
E repara logo neles qualidades secundárias mais gloriosas,
E num só Vidro, com um só governo, transforma 4 Naturezas numa só.

50-56 Pálido e Negro, com falso Citrino, Branco e Vermelho imperfeitos,
Penas de Pavão de cor vistosa, o Arco-íris, que passará,
A Pantera Malhada com o Leão verde, o bico do Corvo azulado como chumbo;
Estas aparecerão antes do Branco perfeito, e muitas outras
Cores, e depois do Branco perfeito, o Cinzento e também o falso Citrino:
E depois de tudo isto aparecerá o Vermelho-sangue, invariável;
Então terás uma Medicina da terceira ordem, multiplicável na sua própria espécie.

57-63 Deves dividir o teu Elixir branco em duas partes,
Depois que o rubificares, e que seja posto em Vidros;
Se queres ter os Elixires tanto para o Sol como para a Lua, faze assim;
Depois multiplica-os logo com o Mercúrio em grande quantidade:
Ainda que no começo não tivesses tanto quanto cabe numa colher,
Poderias multiplicá-los tanto, o Branco e o Vermelho,
Que, se vivesses mil anos, te bastariam.

64-70 Recorre à tua Roda, é o conselho que te dou,
E estuda até entenderes cada Capítulo, um a um;
Não te metas com falsas Fantasias; os Multiplicadores, deixa-os ir,
Que te lisonjearão e dirão falsamente que são sábios em Filosofia;
Faze como te mando e então dissolve com juízo estas ditas Bases,
E transforma-as em Óleos perfeitos com a nossa verdadeira água ardente,
Pela Circulação, que deve ser feita segundo a nossa intenção.

71-77 Estes Óleos fixarão o Mercúrio cru e converterão todos os Corpos
Em Sol e Lua perfeitos, quando fizeres a Projeção;
A essa substância oleosa, pura e fixa, Raimundo Lúlio chamou
O seu Basilisco, do qual nunca fez revelação tão clara;
Reza por mim a Deus, para que eu seja dos seus escolhidos:
E para que no Dia do Juízo me reconheça como um dos seus,
E me conceda reinar para sempre com ele na sua glória. Amém.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ADVERTÊNCIA, EM QUE O AUTOR CONTA OS SEUS EXPERIMENTOS ERRADOS

✦

1-7 Depois de tudo isto, quero que entendas,
Para tua proteção, o que eu fiz:
Tive em mãos muitos Experimentos,
Como os achei escritos para o Sol e a Lua,
E vou contá-los a ti, enumerando-os logo:
Começando pelo Vermelhão, que não deu em nada,
E pelo Mercúrio sublimado, que comprei caro.

8-14 Fiz Soluções, muitíssimas,
De Espíritos, Fermentos, Sais, Ferro e Aço,
Pensando assim fazer a Pedra dos Filósofos:
Mas por fim perdi tudo, cada pedaço;
Ainda assim trabalhei bem segundo os meus Livros,
Que sempre provei serem falsos,
O que muitas vezes me deixou muito aflito.

15-21 Águas corrosivas e águas Ardentes,
Com as quais trabalhei de diversos modos,
Fiz muitas, mas tudo se estragou;
Calcinei cascas de Ovos duas ou três vezes,

Fiz subir Óleos das Cales,
E separei cada Elemento do outro,
Mas não achei ali proveito nenhum.

22-28 Também trabalhei com o Enxofre e com o Vitríolo,
A que os tolos chamam o Leão Verde,
Com o Arsênico, com o Ouro-pigmento, que se danem;
In debili principio foi o meu Começo:
Por isso no fim a Conclusão foi uma fraude;
E soprei a minha fortuna no Carvão,
As minhas Roupas ficaram sujas, o meu Estômago nunca ficou são.

29-35 Sal Amoníaco e Fel de vidro,
Sal Álcali, sal Alembroth, sal Tincar,
Sal Tártaro, sal Comum, sal Gema muito claro;
Sal Pedra, sal Soda: destes toma cuidado;
Do cheiro do Mercúrio fica longe:
Não te metas com o Mercúrio precipitado,
Nem com Corpos imperfeitos rubificados.

36-42 Provei Urinas, Ovos, Cabelos e Sangue,
As Escamas de Ferro que os Ferreiros arrancam a golpes,
O Cobre queimado e o Açafrão de Marte, que nunca me fizeram bem:
A alma de Saturno e também a Marcassita,
O Litargírio e o Antimônio, que não valem um tostão:
Com eles fiz Tinturas vistosas para mostrar,
Tanto Vermelhas como Brancas, que eram falsas.

43-49 Óleo de Lua e água, com grande trabalho,
Fiz calcinando-o com sal precipitado,
E sozinho, com calor violento,
Moendo-o com Vinagre até ficar cansado:
E também com uma quantidade de Especiarias picantes;
Sobre um Mármore que muitas vezes me custou caro,
E fiz Óleos com Corrosivos; mas tudo se perdeu.

50-56 Fiz muitos Amálgamas,
Pensando fixá-los com grande proveito,
E para isso tomei Enxofre,
Tártaro, claras de Ovos e o Óleo do Caracol,
Mas sempre falhei no meu propósito:
Pois, por mais ou por menos,
Sempre faltava alguma coisa.

57-63 Vinho, Leite, Óleos e Coalho,
A geleia das Estrelas que cai no chão,
Celidônia e Secundinas, e muitas outras ainda,
Nelas trabalhei como achei nos meus livros;
Não ganhei absolutamente nada, mas perdi muitas libras;
De Mercúrio e Metais fiz pedras de Cristal,
Pensando que era uma obra de valor.

64-70 Assim assei e fervi como um dos Cozinheiros de Geber,
E muitas vezes procurei o meu ganho nas Cinzas;
Pois fui enganado por muitos Livros falsos,
Pelos quais, na verdade, trabalhei assim no falso:

Mas todos esses Experimentos de nada me valeram;
Antes me trouxeram perigo e embaraço,
Com a perda dos meus bens e outras aflições.

71-77 Pelo amor de Nossa Senhora, evita tais tolices,
Não te metas com falsidade, que nunca deu certo;
Prova quando quiseres e verás que te digo a verdade;
Nada ganharás, mas perderás tudo,
Poucos Pence sentirás na tua Bolsa:
Com fumaças e cheiros terás muito sofrimento,
Tanto que, de doença, mal poderás andar sobre a Terra.

78-84 Nunca vi obra verdadeira, de verdade, senão uma,
Da qual neste tratado eu te disse a verdade.
Estuda, portanto, só para fazer a nossa Pedra:
Pois por ela podes ganhar tanto Prata como Ouro;
Atreve-te, por conseguinte, a apoiar-te nos meus escritos:
Assim nada perderás, se Deus for o teu guia;
Confia na minha Doutrina e fica com ela.

85-91 Lembra-te de como o Homem é a criatura mais nobre
Na Composição da terra que Deus jamais fez,
Na qual os quatro Elementos estão proporcionados por natureza:
Uma Mercurialidade natural, que não custou nada,
Deve ser tirada do seu mineral pela Arte;
Pois os nossos Metais não são outra coisa senão os minerais
Do nosso Sol e da nossa Lua; assim disse o sábio Raimundo.

92-98 A claridade da Lua e do Sol brilhante
Desce secretamente nestes dois Minerais,
Ainda que a claridade esteja escondida da tua vista:
Com arte farás que ela apareça abertamente;
Esta Pedra escondida, esta coisa única, portanto, putrefaz:
Lava-a com o seu próprio caldo até ficar branca,
Depois Fermenta-a com juízo; agora aqui está tudo.

99-105 Agora te Recomendo a Deus Todo-Poderoso,
Que te conceda pela Graça conhecer esta coisa única,
Pois agora este Tratado chegou ao fim:
E que Deus, por sua Misericórdia, nos leve à sua glória,
Sanctus, Sanctus, Sanctus, onde os Anjos cantam:
Louvando sem cessar a sua gloriosa Majestade,
Que ele nos conceda ver no seu Reino.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

FIM DO TRATADO (ANO DE 1471)

✦

1-6 Explicit Alchimiae Tractatus Philosophiae,
Cujus Rypla George, Canonicus, Auctor erat;
Mille, quadringentis septuaginta unoque
Annis qui scriptus compositusque fuit.
Auctori lector praebe praece, quaeso Iuvamen,
Illi purgamen leve post vitam ut sit Amen.

7-13 Assim termina aqui o Tratado de Alquimia,
Tratado que foi escrito por George Ripley, Cônego;
Foi Composto, Escrito e Assinado por ele mesmo,
No Ano de duas vezes sete centos e setenta e um:
Leitor! Ajuda-o, que seja este o teu desejo:
Que depois da Vida ele tenha um Fogo brando.
Amém.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0